CHUMBO GROSSO

SABOR DE VINGANÇA 3

GILBERT BRITT

SÉRIE: CHUMBO GROSSO

VOLUME: 54

TÍTULO: SABOR DE VINGANÇA

AUTOR: GILBERT BRITT

CAPA: BENICIO

EDITORA: MONTERREY

ANO DA PUBLICAÇÃO: 1996

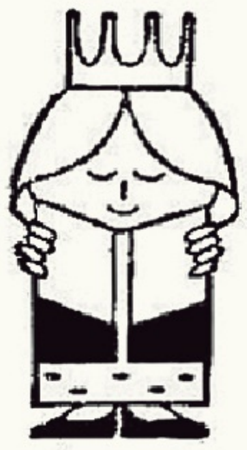
CHUMBO
GROSSO

SABOR DE VINGANÇA

GILBERT BRITT

Capa de BENICIO

PROIBIDA A REPRODUÇÃO NO TODO OU EM PARTE



EDITORA MONTERREY LIMITADA
Rua Visconde de Figueiredo, 81
Caixa Postal n 24119 – ZC-09
20550 – Tijuca – Rio de Janeiro
Fones: 248-7067 e 234-8398

© EDITORA MONTERREY LIMITADA
MCMLXXXVI Publicação no Brasil
Composto e impresso por:
GRAFICA EDITORA LORD
Distribuído por:
FERNADO CHINGLIA
DISTRIBUIDORA S.A.

Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não tem relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

PRÓLOGO

Prelúdio entre víboras

Ele não viu nem ouviu nada. Mas sentiu o movimento às suas costas, entre as pedras. Talvez fosse alguma vibração no ar frio à sua volta. Ou um alarme estranho e indefinível brotando das profundezas de seu cérebro. Ou mesmo um sexto sentido que ele jamais conseguiria explicar. Contudo, o certo é que captara o movimento à sua retaguarda; um movimento leve, cauteloso, que o fez apurar os ouvidos, procurando ansiosamente por qualquer ruído que viesse daquela direção. Nada. Apenas silêncio, o silêncio da escuridão envolvendo tudo.

Mas o silêncio era enganador, e ele sabia disso, pois a sensação de que havia alguma coisa errada persistia em seu espírito. E era uma sensação de perigo, de ameaça.

Levantou-se, devagar, o cantil quase vazio nas mãos, pois não acabara de enchê-lo nas águas límpidas do rio que corria a seus pés. Ao mesmo tempo, seu instinto de auto-preservação ordenava-lhe que jogasse a aba do casaco para trás e corresse a mão ao coldre, virando-se velozmente e abrindo fogo contra o vazio ao redor de si. Entretanto, controlou-se. E esperou.

Virou-se para o lado, o mais calmo possível. Pelo canto dos olhos, buscou esquadrinhar as rochas que agora se achavam à sua esquerda. Voltou-se mais ainda, ficando de frente para as pedras. Com todos os demônios! Não parecia haver nada ali que pudesse afetar a sua segurança. Mas, então, a troco de que tivera aquela maldita sensação de ameaça? Que diabo de brincadeira de péssimo gosto seus sentidos queriam pregar-lhe? E é lógico que tinha que ser uma brincadeira, uma pilhéria. Afinal, não era tão estúpido a ponto de imaginar que estivesse sendo observado por fantasmas...

— Pare exatamente onde está, amigo — um dos fantasmas fez ressoar a sua vez forte e glacial no silêncio da noite. —. Se fizer qualquer tolice, arrebento-lhe a cabeça num piscar de olhos!

Reconheceu a voz. Harlon Tappan! O maldito conseguira surpreendê-lo! Diachos! Com aquele sujeito às suas costas, suas chances de sair vivo daquele lugar tomavam-se praticamente nulas.

Estacou, então. Demônios! Agora que sabia que era Tappan quem estava ali, a vontade de apanhar o Colt-45 no cinturão parecia-lhe quase insuportável.

— Olá, Tappan — sua voz não revelava nem medo nem pânico. — Conseguiu enganar-me, hem?

— Sim, seu palhaço idiota! — sorriu Harlon Tappan, com maldade. — Mas deixe de conversa e jogue a arma longe. E com muito cuidado!

— Espere um momento, Tappan. Vamos convers...

Um tiro de espingarda ecoou como um trovão na quietude da noite e cortou-lhe abruptamente as palavras. A bala atingiu a terra adiante de suas botas, levantando uma pequena nuvem de areia.

— Mantenha essa sua maldita boca fechada, entendeu bem? — grunhiu Tappan, como se cuspisse as palavras. — Ou eu vou ter o imenso prazer de fechá-la para sempre!

Resolveu obedecer. A não ser que quisesse arriscar: poderia tentar sacar o revólver com toda rapidez possível e atirar no ponto de origem da voz de Tappan. Ou onde calculava estar a origem dela. Mas, seria muito perigoso. Perigoso demais. Um simples erro, a mínima falha, e estaria tudo terminado. Afinal, Tappan tinha todas as vantagens a seu favor, já que conhecia a sua exata localização, e tinha uma arma apontada para sua cabeça. Suas chances eram de mil contra uma...

— Ande logo, paspalho!

Com cuidado, retirou o Colt da cartucheira e jogou-o adiante de si. Viu exatamente onde a arma fora cair, e gravou o local em sua memória como que a ferro e fogo. Na primeira oportunidade, não pensaria duas vezes para tentar recuperá-la.

— Assim está melhor — riu Tappan, perversamente. — Parece que vamos nos entender muito bem.

— O que está pretendendo, afinal, Tappan? A essa hora, poderia estar bem longe daqui.

Tappan voltou a rir:

— Só que, primeiro, queria acertar umas coisas com você.

— Que tipo de coisas? — notou que a voz de Tappan aproximava-se, tornando-se mais alta e mais clara. — Não temos nada a conversar.

— Acredito que não mesmo. Só que não o quero mais atrás de mim, entendeu? Nem você, nem os seus amigos.

'— Sabe muito bem por que queremos pegá-lo, Tappan.

Tappan riu com zombaria:

— Esqueça isso, meu caro. Preocupe-se mais com você.

— Vai matar-me, então? Pelas costas?

— Pelas costas, pela frente. Que diferença faz?

— É um covarde, Tappan! Um sujo e asqueroso covarde!

— E você, muito valente, amigo — tornou a rir Tappan, um acento de pura crueldade marcando-lhe cada palavra. — Para um sujeito que tem a cabeça sob a mira de uma arma. Muito valente, ou então, muito estúpido!

Lentamente, Tappan começou a surgir das sombras da noite, com a Winchester sempre voltada para o outro homem. Este viu-o, então, à luz bruxuleante da fogueira. Encararam-se, a fogueira separando-os e iluminando-lhes o rosto tenso e os olhos alertas.

Irônico, Tappan inquiriu:

— Quer fazer algum último desejo?

— Não — ele encarou-o, com firmeza. — A única coisa que quero é vê-lo morto.

— Mas não vai ver! — gargalhou Tappan. — Eu é que terei o prazer de meter-lhe uma bala na cabeça!

E soltou outra gargalhada, dando alguns passos para o lado e separando as pernas. Empunhou melhor a espingarda, os olhos, frios presos ao homem que pretendia matar.

— Sou a última pessoa que verá com vida, meu caro — disse. — Não é engraçado?

Riu e, como que saboreando aqueles instantes em que detinha nas mãos o direito de vida e morte sobre o outro, posicionou-se melhor para atirar. Com isso, seu pé esquerdo esbarrou numa pequena pedra, produzindo um som áspero.

Enquanto isso, seu adversário observava-o, esforçando-se por manter-se calmo. Queria pensar com frieza, tinha que pensar com frieza. Sabia que estava a poucos passos da morte, pois, evidentemente Tappan não iria

poupá-lo de forma alguma. Mas precisava controlar o próprio medo e pesar as chances a seu favor, como se pudesse haver alguma.

Alcançá-lo, para tomar-lhe a arma, seria quase impossível, já que a distância entre ambos impossibilitava qualquer tentativa de ataque frontal. Todavia, ainda lhe restava o revólver, no solo, a menos de um metro a sua frente. Se Tappan lhe desse mais uns poucos segundos de vida, ou cometesse um erro, por mínimo que fosse, haveria uma oportunidade, uma apenas, da arma no chão ser apanhada...

Engoliu em seco esquecendo-se instantaneamente do revólver no solo, cravando os olhos estupefatos num monte de pedras aos pés de Tappan. Pelas chamas do inferno! A sua salvação parecia estar chegando como uma bênção dos céus. Como um milagre divino!...

A cobra deslizou mansamente pela terra que começava a esfriar com o vento frio da noite. No seu esconderijo, entre as pedras, ela estivera aquecida e protegida. Agora, porém, seus instintos lhe informavam que alguma coisa perturbava as imediações do lugar que escolhera para passar a noite. Em outras palavras: a sua segurança fora ameaçada. Diante disso, precisava de um novo refúgio, uma vez que aquelas pedras, que até há pouco tinham mantido seu corpo oculto de olhares inimigos, haviam perdido sua utilidade.

Tenso, ele viu o delgado e flexível réptil abandonar as pedras e arrastar-se pelo chão duro, a cabeça sempre erguida, a língua bífida surgindo e desaparecendo numa fração de segundo. Estava assustada e pronta a atacar, desde quando Tappan esmagara aquela pedra com a bota.

E ela prosseguiu em seu sinuoso caminho, sob os olhos atentos e angustiados do homem que estava prestes a morrer. Procurava uma nova morada, mais tranquila, mais silenciosa.

Deteve-se, enfim, junto ao pé esquerdo de Tappan, fazendo o outro homem estremecer quando se roçou no couro duro da bota de vaqueiro.

Vamos, miserável! — pensou — com impaciência. os dentes cerrados e todos os músculos contraídos. Vamos, por Deus! Queria que ela se enroscasse na bota de Tappan e subisse, subisse, sempre mais e mais. Alcançaria, então, o final da bota e golpearia suas mandíbulas saturadas de veneno, fincando-se na carne tépida e injetando no sangue de Tappan uma terrível carga de sofrimento e morte...

— Desgraçada! — Tappan percebeu a presença letal e rugiu como uma fera alvejada, sacudindo a perna com violência.

Menos de um segundo depois, um disparo soou na calada da noite. A bala atingiu o chão a poucos centímetros da cobra. Tappan errara o alvo, já que sua reação ao se descobrir tão próximo da morte fora imediata, impensada, não dando-lhe tempo para mirar direito a Winchester.

Mas isso não importava. Não para o outro homem, pois a única coisa que queria era uma chance. E essa chance lhe foi dada, quando Tappan teve sua atenção desviada para o mortífero animal.

Não hesitou em aproveitar a sua chance porque sabia que seria a única que teria: agachou-se com rapidez e recolheu o Colt do chão. Contudo, como uma sinistra e terrível trapaça do destino, seu dedo falhou ao procurar o gatilho da arma. E essa falha fez toda uma diferença entre aqueles dois homens sozinhos no meio da noite.

Por um momento, enlouquecedoramente longo, ouviu Tappan engatilhar a Winchester. Ele disparou, e a bala atingiu-o no ombro, fraturando-lhe a clavícula e derrubando-o para trás.

— Idiota desgraçado! — Tappan aproximou-se, abaixando-se junto ao outro. Sorriu cruelmente ao constatar que seu oponente ainda vivia. — Agora, vou deixá-lo aqui, para que morra bem devagar.

E abriu-lhe o casaco. À luz das chamas da fogueira, uma estrela de prata brilhou na lapela do colete escuro. Com um puxão forte, arrancou-a arrebentando-lhe o fecho e rasgando o tecido do colete.

— Comece a rezar, xerife — falou, com sadismo. — Se é que ainda consegue pensar direito, e tiver tempo.

Gargalhou com vontade, afastando-se a passos largos na direção de seu cavalo, deixando para trás um homem que só tinha uma coisa a esperar: a própria morte.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Visita aos casacos-azuis

Foi somente na primavera de 1885 que John Elgin Arsenault visitou Fort Hammer pela segunda vez, no sul do Texas. A primeira fora em meados de 1865, quando recebera uma carta do tenente Martin Whitestone, informando-o de que este assumira, em caráter interino, o comando daquela corporação militar. Ele e Whitestone tinham crescido juntos, em Wichita. Quando adolescentes, seus caminhos se separaram. Whitestone resolvera abraçar a carreira militar. Arsenault preferira manter-se na vida civil e, após casar-se, mudou-se de Wichita para uma cidadezinha no sudoeste do Texas chamada St. Vincent.

E agora, vinte anos mais tarde, cinco após a trágica morte de Whitestone em combate, Arsenault retornava a Fort Hammer, mas não para visitar um velho amigo de infância. Hoje, seus motivos eram bem diferentes.

Assim que passou em seu cavalo pelos altos portões de madeira do forte, Arsenault viu-se no imenso pátio circular da corporação. Em volta de grande parte do perímetro esférico do pátio, erguiam-se várias construções: o rancho, o alojamento da tropa, o depósito de armas e munições, o de víveres, e os escritórios e aposentos da oficialidade.

Foi diante desta última que ele sofreou sua montaria, apeou e amarrou as rédeas do animal no travessão de madeira. Passeou, então, os olhos em volta. Esboçou um sorriso, vendo que muita coisa mudara naquelas duas décadas. O forte crescera, em todos os sentidos....

— Com licença. Xerife Arsenault? — uma voz masculina e de timbre autoritário à sua direita fê-lo virar-se naquela direção.

— Eu mesmo.

— Sou o tenente Mark Steel — o homem de uns trinta e poucos anos a sua frente apresentou-se. Era alto, forte e o rosto seco revelava determinação. — Sou ajudante de ordens do coronel Bulloch. Ele me pediu que viesse receber o senhor.

— Ah, muito obrigado, tenente. Ao senhor e ao coronel.

O militar sorriu com sinceridade:

— Se puder me acompanhar, o coronel o espera.

Arsenault anuiu e o tenente passou a sua frente, galgando os degraus de pedra do prédio da oficialidade. Lado a lado, os dois percorreram o amplo varandão de piso de tábuas. Foram deter-se diante de uma porta fechada, que Mark Steel abriu e deu passagem ao visitante.

Arsenault viu-se, então, no posto de comando do forte. Era um aposento quadrado, com uma ampla mesa escura voltada de costas para a parede em frente à entrada. Era o mesmo escritório que Whitestone ocupara temporariamente há vinte anos, só que mobiliado e decorado de forma diferente. Nele, achavam-se dois militares, além do tenente Steel, um de pé e outro sentado, atrás da mesa principal.

— Coronel — o tenente Steel adiantou-se até a mesa. — O xerife Arsenault está aqui.

O comandante de Fort Hammer deixou a mesa e encaminhou-se ao visitante, a mão direita estendida e um sorriso de boas-vindas na boca de talhe viril.

— É um grande prazer conhecê-lo, xerife — disse.

— O prazer é todo meu, coronel — retrucou Arsenault. — Espero não estar incomodando.

— Não, não. De forma alguma. Confesso apenas que seu telegrama me deixou bastante curioso.

Arsenault meneou a cabeça e foi apresentado ao outro homem presente no escritório, major Timothy Fowles.

— O major Fowles — disse Jesse Bulloch, depois que Arsenault ocupou uma cadeira próxima à mesa. — Talvez tenha informações valiosas para o senhor, xerife.

O representante da lei olhou de imediato para Fowles, e um brilho de esperança surgiu-lhe no olhar cansado.

— Essas informações são muito importantes para mim, major — declarou. — Muito importantes realmente.

— Acredito que sim, senhor Arsenault — Fowles esboçou um sorriso cordial. — Mas não espere muita coisa de nós. As informações que temos sobre o paradeiro do ex-cabo Harlon Tappan são quase inexistentes.

A menção do nome Harlon Tappan fez todo o resto do visitante crispar-se numa máscara de ódio e revolta. Bulloch percebeu isso claramente, atentando para Arsenault enquanto se entretinha em acender um cachimbo.

Ainda não encontrara uma resposta para a pergunta que se fizera ao receber o telegrama de Arsenault dias antes. O que um xerife de quase sessenta anos, acostumado com uma cidade pequena e pacata como St. Vincent, pretendia saindo no encalço de um sujeito amoral e cruel como Tappan? Se fosse muito mais jovem, na plenitude de suas forças física e mental, seria óbvia a resposta: Arsenault só estava cumprindo seu dever como defensor da lei. No entanto, não era mais nenhum rapazola de vinte e poucos anos, ágil, dono de reflexos rápidos e precisos, apto a enfrentar o sol tórrido dos dias e o frio enregelante das noites daquela região hostil, dando caça a um assassino frio e impiedoso...

— Mas Tappan serviu aqui, em Fort Hammer, não? — a pergunta de Arsenault roubou Bulloch de seus pensamentos.

— Sim — concordou Bulloch, voltando a concentrar-se na conversa. — Só que ele desertou há menos de dois meses, xerife. Antes de desertar, matou um sargento.

Os olhos do representante da lei estreitaram-se:

— Então, é por isso que, além da acusação de deserção, o Exército também o procura por assassinato?

— Exatamente — assentiu Bulloch. Fez uma pequena pausa e prendeu os olhos inquisitivos aos do homem a sua frente. — E quanto ao senhor, xerife? Que acusação tem contra ele?

Arsenault sustentou-lhe o olhar com firmeza e respondeu com voz seca e controlada:

— Assassinato também, coronel.

Bulloch e Fowles entreolharam-se, um tanto surpresos com as palavras do visitante.

— Tappan matou um homem nas imediações de Campo Brown — informou Arsenault, ciente da reação dos militares ante o que dissera. — Em outras palavras, esse homem era o xerife de Camp Brown.

Mais uma vez, Bulloch e Fowles entreolharam-se. Arsenault não lhes deu oportunidade de falar, acrescentando:

— Tappan e mais dois homens foram vistos em Camp Brown. O xerife de lá tinha em sua delegacia um cartaz do Exército de “procura-se”,

oferecendo uma boa recompensa pela captura de Tappan. — Os dois militares assentiram com a cabeça, em silêncio. — Infelizmente, Tappan e os dois homens que o acompanhavam, percebendo que ele fora reconhecido, fugiram de Camp Brown antes que alguém pudesse prendê-los. O xerife, então, organizou uma patrulha e partiu no encalço deles.

Arsenault parou por momentos, correndo os olhos de um para o outro de seus interlocutores e prosseguiu:

— No meio da noite, Tappan conseguiu surpreender o xerife de Camp Brown numa clareira próxima à cidade. Feriu-o no ombro e deixou-o ali, sozinho e sem ajuda, para morrer.

— É realmente um covarde — murmurou Fowles, a boca enrijecida pela ira. — Ele não tem a mínima noção do que seja a palavra honra.

Arsenault fitou-o, anuindo com um movimento de cabeça.

— E o xerife de Camp Brown teve alguma chance? — interrogou Bulloch. — Os homens da patrulha puderam encontrá-lo a tempo?

Os olhos de Arsenault eram duas chamas vivas de ódio quando ele respondeu:

— Chance alguma, coronel. O restante da patrulha, de fato, conseguiu achá-lo ainda com vida. Só que era tarde, muito tarde. Nada mais seria possível fazer. Contudo, antes de morrer, o xerife revelou a seus companheiros o que ocorrera.

Por vários momentos, um silêncio tenso e pesado imperou sobre aqueles homens. Só foi desfeito por uma pergunta de Fowles:

— Quando foi isso, xerife?

— Há uma semana, mais ou menos.

— Tappan, então, estava em Camp Brown há cerca de uma semana?

— Sim —Arsenault anuiu — Certamente, deve estar no México agora. A não ser que os senhores tenham informações diferentes a me dar.

Bulloch deu de ombros:

— Não, xerife. As informações que temos é apenas um telegrama que recebemos de um acampamento do Exército na divisa com o México. Um velho caçador, ansioso por receber a recompensa que oferecemos, garantiu ter visto Tappan atravessar a fronteira. O comandante do acampamento telegrafou-nos, informando isso.

— E onde é exatamente, esse acampamento militar? — perguntou Arsenault, com ansiedade vibrando-lhe na voz.

— O major Fowles — disse Bulloch —, lhe dará a localização. Há um pelotão nosso demarcando algumas terras naquela região.

— Ótimo — Arsenault levantou-se, ajeitando o paletó acinzentado.

Bulloch olhou-o de alto a baixo, detendo-se no coldre muito baixo que o representante da lei usava, a coronha escura do Colt-45 roçando de leve a bainha do casaco.

— Partirei imediatamente para lá — anunciou Arsenault. — Não posso perdeu muito tempo.

Despediu-se, então, de Bulloch, encaminhando-se à porta ao lado de Fowles. O major explicou-lhe com a ajuda de um mapa preso à uma das paredes do aposento, o local onde se achava o acampamento militar.

— Espero que tenha sorte, xerife — disse Bulloch quando Arsenault colocava a mão na maçaneta da porta. — Há uma corte marcial esperando por Tappan.

Arsenault deteve o movimento de abrir a porta e voltou-se com lentidão, olhando firme ao comandante de Fort Hammer. Falou, com voz baixa e determinada.

— Se pretende levar Tappan à corte marcial, coronel, capture-o antes de mim, porque, se eu o encontrar primeiro, vou matá-lo.

E, diante do espanto de Bulloch, Fowles e do tenente Steel, parado a um canto, adicionou:

— O nome do xerife de Camp Brown era Kenneth Arsenault. Ele era meu filho.

Abaixou, então, os olhos e retirou-se em silêncio.

* * *

O homem que John Elgin Arsenault procurava para matar estava no México, num lugarejo chamado Madre de la Sierra, a pouco mais de duas horas a cavalo da fronteira. Chegara dois dias antes, cansado, com fome e ansioso por uma mulher. Já estivera várias vezes em Madre de la Sierra. A última fora há menos de uma semana, quando, então, encontrara-se com Hansen e Fale, dois velhos companheiros seus. O assunto que tinham a discutir não pôde ser resolvido totalmente naquela ocasião. Por isso, marcaram um novo encontro, para dali a alguns dias.

No dia combinado, Harlon Tappan foi esperar seus amigos na única taberna do povoado, sentado numa mesa a um canto e uma garrafa de uísque a sua frente. De onde se achava, podia observar a porta de entrada pela qual via o sol forte do México queimando sem piedade a terra árida lá fora.

Enquanto bebia e olhava a porta, brincava entre os dedos grossos e rudes, com a estrela que arrancara do peito de Kenneth Arsenault. Aquele xerife idiota! dizia para si mesmo vez por outra, admirando a estrela de prata. O imbecil pensara que uma simples patrulha de uma cidade sem importância como Camp Brown, poderia capturá-lo. Paspalho! Se todo o exército dos Estados Unidos não conseguira pegá-lo, não seria um xerife estúpido que realizaria essa proeza.

Esboçou um sorriso cruel no canto da boca e continuou a brincar com o distintivo. Só parou de fazê-lo quando viu duas sombras se aproximando da porta da taberna, delineadas pelo sol implacável. Ouviu também o ruído irritante de passos sobre a terra vermelha lá fora.

Enrijeceu o rosto barbado e feio, os olhos fixes na porta. Ao mesmo tempo, soltava a estrela de prata sobre a mesa e descia a mão direita até o coldre. Chegou a segurar a coronha do Colt-44, e preparou-se para sacá-lo. Era quase certo que seriam Hansen e Fale chegando a Madre de la Sierra. Entretanto, sabia muito bem que sua cabeça estava a prêmio. Que as autoridades militares dos Estados Unidos queriam-no balançando na ponta de uma corda. E agora, depois que arrebentara o ombro daquele xerife miserável, a justiça civil também o procurava...

Relaxou completamente, ao ver seus dois companheiros assomando à entrada da taberna. Soltou o cabo do Colt e voltou a apanhar a estrela sobre o tampo da mesa.

— Olá, Harlon — foi Glenn Hansen o primeiro a cumprimentá-lo, acercando-se da mesa do desertor e apanhando a garrafa de uísque. — Esperando há muito tempo pela gente?

— Um pouco — resmungou Tappan.

— Tivemos que demorar um pouco — Stan Fale foi ocupar uma terceira cadeira da mesa. — Passamos pela cabana daquele velho bêbedo.

E deu um sorriso malicioso, quase obsceno, sendo imitado pelo outro recém-chegado. Tappan fitou-o sem muito interesse e inquiriu:

— Não conseguem tirar aquela garota da cabeça, hem?... embora ela nos tenha feito de bobos quando passamos por lá há uma semana.

— Mas vamos dar-lhe uma lição, tenha certeza, Harlon — prometeu Fale. — Ele não perde por esperar!

— Sei disso — concordou o desertor. — Só que não estou muito preocupado com ela agora. Temos coisas muito mais importantes a tratar.

Fale e Hansen interromperam as pilhérias maldosas e prenderam a atenção ao ex-militar.

— Será que podemos conversar em segurança aqui, Harlon? — interrogou Glenn Hansen, em voz baixa. Moveu os olhos em volta, observando os mexicanos que bebiam em outras mesas.

— Não se preocupe — tranquilizou-o Tappan. — Esses idiotas não entendem direito nossa língua. E mesmo que entendessem, são tão burros que nem se dariam pela coisa.

— Mesmo assim... — Hansen deixou a frase em suspenso.

Tappan olhou-o e, ao término de alguns momentos, bateu a cabeça em assentimento. Em silêncio, levantou-se e jogou algumas moedas sobre a mesa, dirigindo-se à porta da taberna. Foi seguido pelos outros dois americanos. Na rua envolta pelo sol a pino, começaram a andar na direção das ruínas de um muro de pedras.

— Aqui está melhor — disse Hansen, sentando-se numa pedra e cuspindo para o lado. — E então? Quando vamos agir? Já estou cansado de tanto esperar.

— Calma — disse Tappan, sentando-se numa pedra. — Mais alguns dias e poderemos pôr o plano em prática...

Sem querer, Glenn Hansen interrompeu o que o desertor dizia:

— E acha, com certeza, que poderemos pôr as mãos em todo aquele ouro? É uma fortuna!

— Sim — riu Tappan, malicioso. — Uma fortuna! Cinquenta quilos de ouro, amigos. Cinquenta quilos!

Os olhos de Hansen relampejaram de cobiça. Os de Fale também. Tappan observou os dois homens à frente com um sorriso prazeroso no canto dos lábios. Ao mesmo tempo, tirava do bolso do colete a estrela de prata do xerife de Camp Brown. Começou a brincar com ela, escavando uma pedra com uma das pontas.

— Podemos fazer tudo que quisermos com esse ouro todo — comentou Fale. — Iremos para o leste e começaremos uma nova vida.

— Sim — riu Hansen, a voz ecoando de ambição. — Uma nova vida, cercados de boas bebidas, boas comidas e boas mulheres.

— Principalmente, buenas mujeres! — elevou a voz Fale, soltando em seguida uma gargalhada obscena.

Hansen imitou-o. Só interromperam a súbita manifestação de alegria quando Tappan praguejou violentamente. De imediato, atentaram para ele, e depois para a estrela com a qual brincava.

— Demônios! — exclamou. — A maldita estrela quebrou uma das pontas!

— Jogue-a logo fora! — aconselhou Hansen. — Para que guarda essa bobagem?

— Gosto dela — defendeu-se Tappan. — É uma recordação...

— Sim — disse Fale, zombeteiro. — A recordação de um xerife imbecil. Faça bom proveito dela.

— Esqueçam o diabo da estrela — rosnou Hansen —, e voltemos ao assunto anterior. O que importa são os cinquenta quilos de ouro que poderemos roubar ao exército, não essa estrela dos infernos!

Tappan concordou, guardando a estrela no bolso do colete e olhando para seus companheiros.

Disse:

— Realmente, poderemos roubar cinquenta quilos de ouro do exército, mas precisamos tomar muito cuidado. Se nos pegam, será o fim para todos nós...

— Principalmente para você, não? — lembrou Fale, meio agressivo. — Além de desertor, você também é um assassino, meu caro. Um sargento da cavalaria e um xerife...

Tappan fuzilou-o com o olhar, franzindo o rosto enrugado e enegrecido pela barba cerrada.

— Tem razão. Um sargento e um xerife. E garanto-lhe que não me arrependo de ter acabado com os dois. A única diferença é que, por causa daquele sargento desgraçado, eu tenha sido obrigado a desertar de Fort Hammer. Se não fosse por isso, eu ainda estaria lá dentro, a par de todos os preparativos para o carregamento de ouro até Fort Summer. — Deu de ombros e acrescentou: — Mas isso não tem muita importância agora. Sei de

tudo que é preciso para efetuarmos esse plano com segurança. Afinal de contas, apesar daquele imbecil do coronel Bulloch não gostar de mim, eu sabia de muita coisa a respeito do ouro.

— Então teremos que esperar? — foi Hansen quem falou novamente. Diante do assentimento de Tappan, prosseguiu: — O que não é tão ruim assim. Poderemos visitar aquele velho estúpido.

E relanceou os olhos a Fale. Este riu de forma cínica. Quanto a Tappan, meneou as mãos, dizendo:

— Vão vocês. Infelizmente, tenho que ficar aqui no México. Não posso arriscar-me voltando aos Estados Unidos.

— Está certo, Harlon — Fale dirigiu-se para onde estavam o seu cavalo e o de Hansen. — Quanto a mim e a Glenn, vamos voltar. Aquela rameirazinha deve estar morrendo de saudade de nós.

Fale e Hansen gargalharam, despedindo-se e afastando-se a passos largos no rumo de suas montarias. Tappan ficou para trás, observando-os. Eles alcançaram os animais, montaram e acenaram para o desertor. Partiram, em seguida, percorrendo, a todo galope, a rua principal de Madre de la Sierra. Dirigiam-se ao norte, para a fronteira, de volta aos Estados Unidos. Tappan não podia acompanhá-los. Infelizmente, tinha que ficar no México, quieto, escondido.

Deu de ombros consigo mesmo, caminhando rumo à taberna. Não se importava de ficar para trás. Não, por enquanto, porque, se tudo corresse bem, logo estaria livre de Madre de la Sierra, do exército e das autoridades civis americanas. Estaria a caminho do leste, com cinquenta quilos de ouro.

Cinquenta quilos, porque nunca lhe passara pela cabeça dividir aquele ouro todo com dois idiotas como Glenn e Stan. Quando tudo acabasse, cada um receberia sua parte: uma bala no meio da testa.

CAPÍTULO SEGUNDO

Joan

Arsenault não levou mais que um dia e meio para chegar a Fort Kollper. Lá, avistou-se com o capitão Robert Gallan, comandante do pelotão destacado para demarcar terras ao norte do Rio Grande. Gallan, que recebera um telegrama de Fort Hammer alertando-o da futura visita do representante da lei, não hesitou em dar a Arsenault todas as informações que este desejava.

— O nome do caçador é Chuck Storrs, xerife — disse Gallan, em seus alojamentos de Fort Kollper. — É um velho beberrão. Mora em uma cabana no meio do mato, à beira de um rio.

— E ele afirmou ter visto a Harlon Tappan por esta região? — inquiriu Arsenault.

— Sim senhor. Eu e meus homens estávamos a poucas milhas daqui, junto à fronteira, quando Storrs procurou-nos, visto que nossa posição naquele momento era bem próxima da cabana. Falou-me pessoalmente e disse que reconheceu Tappan assim que o viu.

— Como? Ele conhecia Tappan?

— Em pessoa, não, mas sim por intermédio dos cartazes de “procura-se” que o exército imprimiu logo após a deserção de Tappan em Fort Hammer. Storrs vai constantemente a um pequeno povoado pouco distante de sua cabana para comprar mantimentos e, sobretudo, bebida. Numa dessas ocasiões, foi preso por bebedeira. Na delegacia desse povoado, teve oportunidade de observar diversos cartazes de “procura-se”. Um desses cartazes era o de Tappan, acusado de assassinato e deserção.

— Tappan passou pela cabana de Storrs?

— Pelo que ele diz, sim. Tappan e mais dois homens. Certamente, utilizavam trilhas no mato feitas pelos índios para alcançarem a fronteira. Para Tappan, seria muito arriscado viajar por caminhos conhecidos, sobretudo nas proximidades deste forte militar.

— Entendo. E quanto aos dois homens que acompanhavam Tappan, o senhor sabe quem eram?

O militar meneou a cabeça tristemente:

— Infelizmente, nada sei, xerife. Aliás, se quer minha opinião acerca desse assunto. — Arsenault assentiu em silêncio e Gallan declarou: — Acho que Storrs estava mentindo.

— Como assim?

— Como já lhe disse, ele é um beberrão. Acho que nunca ficou um só momento sóbrio em toda a sua vida. Na certa, viu o cartaz de Tappan e, obviamente, também a recompensa que o exército está oferecendo pela captura dele.

— O senhor acha que Storrs imaginava que poderia ganhar a recompensa com uma simples informação? E uma informação falsa?

— Exatamente. Escutei o que ele tinha a dizer e, independente das minhas suspeitas de que tudo não passava de mentira, telegrafei a Tort Hammer assim que voltei para cá, E informei também ao coronel Yokeum, comandante deste forte.

— O coronel Yokeum ordenou que o senhor ou algum outro oficial fosse à cabana de Storrs investigar?

— Eu mesmo fui destacado, senhor Arsenault. Reuni uma patrulha de quatro homens, cinco comigo, e fomos até a cabana de Storrs. Realmente, encontramos marcas de cavalos que passavam pela cabana dele em direção ao sul, à fronteira. Mas isso não prova que tenham sido de Tappan c seus dois amigos.

Arsenault concordou com um movimento de cabeça e dirigiu-se a porta do aposento. Gallan acompanhou-o. Despediram-se cerca de quinze minutos após, junto aos portões do forte, depois do oficial explicar a Arsenault como este poderia alcançar a cabana de Chuck Storrs.

Arsenault deixou Fort Kollper para trás. Enquanto galopava na direção indicada pelo tenente Gallan, seu. coração batia aceleradamente. Pouco a pouco, aproximava-se de Harlon Tappan. Pouco a pouco, seu momento de vingança chegava. Kenneth não perdia por esperar, onde quer que estivesse.

* * *

— Um só movimento e não vai viver o bastante para fazer o segundo — a voz feminina, às suas costas, pareceu surgir como por mágica.

Arsenault deteve-se de imediato, as rédeas do cavalo na mão esquerda e a direita controlando-se para não correr ao coldre amarrado à perna. Procurou raciocinar com calma, sobretudo na resposta que daria àquela voz de tom marcadamente ameaçador.

— Abaixe a arma, por favor — disse lentamente. — Meu nome é John Elgin Arsenault e sou xerife pelo Estado do Texas.

— Se é xerife ou não, pouco me importa! — rebateu a voz à sua retaguarda. — O que me importa é que tire essa arma do coldre e jogue-a para trás, onde eu possa vê-la.

— Está certo — Arsenault resolveu obedecer, apanhando o revólver no coldre, com cuidado, lançando-o para trás. Pôde escutar com clareza a arma bater na terra rija. — Posso virar-me agora?

— Pode, mas com muita calma, entendeu?

Arsenault balançou a cabeça, anuindo, e começou a voltar-se para trás. Antes de completar meia-volta, viu-se frente a frente com a pesada espingarda de cano duplo e de grosso calibre. Do par de bocas redondas e mortíferas diante de si, ergueu os olhos com cautela para a pessoa que empunhava a arma. Surpreendeu-se vivamente ao deparar com os olhos esverdeados e o cabelo louro e comprido da jovem que o obrigara a desfazer-se do Colt.

Ela percebeu a surpresa estampada em seus olhos e encarou-o fixamente. Ao mesmo tempo, segurava com maior firmeza a arma e dizia com convicção:

— Posso ser uma garota, mas garanto-lhe que sei atirar muito bem.

Arsenault não respondeu, observando a jovem aproximar os dois canos da espingarda de seu peito. Sem tirar os olhos dos dele, ela empurrou com a ponta da arma, a aba esquerda do casaco que ele usava. Revelou, então, a estrela prateada na lapela de Arsenault.

— É mesmo um xerife? — inquiriu ela, hesitante.

— Sou — Arsenault empurrou devagar a espingarda para o lado, desviando-a da direção de seu peito. — E garanto que não pretendo fazer-lhe mal algum.

— E o que quer, então?

— Estou procurando um homem chamado Chuck Storrs.

Ela dilatou de leve os olhos esverdeados, numa expressão inquisitiva e surpresa:

— O que está querendo com meu avô?

— Storrs é seu avô?

— Sim —ela abaixou a arma, mostrando-se mais calma e menos hostil —Nós moramos nessa cabana, atrás de você — e espichou o queixo delicado na direção das costas do homem.

— Quero apenas conversar com seu avô. Estou vindo de Fort Kollper especialmente para isso.

— E que tipo de conversa pretende ter com ele?

— Ele prestou informações ao exército que a mim também interessam. Sobre três homens que passaram por aqui alguns dias atrás.

Ele olhou melhor para a jovem. Notara claramente que os olhos dela mudaram de expressão. Estavam agora turvos, opacos. Quanto ao rosto bonito, uma sombra de medo e dor cobrira-o por inteiro.

— Aconteceu alguma coisa? — interrogou.

Ela permaneceu em silêncio. E apenas ergueu o rosto para ele, Arsenault estremeceu. Mal podia acreditar no que via nos olhos dela. Havia ódio, ódio intenso, feroz. Um ódio tão violento e irracional que tornou negro e sombrio o verde daquele olhar.

— Eles fizeram alguma coisa a você? — inquiriu, lentamente. — Eles a maltrataram?

Suas palavras praticamente morreram no ar agradável do entardecer, pois a garota deu-lhe as costas com brusquidão e correu rapidamente em direção da cabana. No minuto seguinte, desaparecia batendo a porta com força atrás de si e deixando Arsenault ali, do lado de fora, sozinho e confuso.

Devagar, ele avançou até onde sua arma caíra. Recolheu-a e devolveu-a ao coldre. Depois, prendeu as rédeas de sua montaria num arbusto e caminhou até a casinha, galgando a pequena escada feita de pedras irregulares, que levava à varanda. Abriu a porta com precaução, a mão muito próxima do coldre, penetrando numa sala quadrada de mobiliário simples e cheirando a gordura. Antes de fechar a porta às suas costas, correu os olhos ao redor, indo detê-los a um canto da peça, em uma cortina de tecido rústico. Pôde ver, através da cortina, o vulto da garota caído sobre uma cama.

Aproximou-se, afastando a cortina para o lado. A garota estava com o rosto enterrado no travesseiro da cama. chorando.

— Ei, calma — disse. — Por que não tenta dizer-me o que houve?

— Vá embora! — gemeu ela, virando o rosto para o outro lado. — Vá embora daqui!

Ele tocou suavemente nos cabelos dela em desalinho. Sentiu-a estremecer e retrair-se.

— Calma, por favor — pediu, em voz baixa. — Se houve alguma coisa, talvez possa ajudá-la. Um daqueles homens matou meu filho.

Ela levantou o rosto molhado de lágrimas, correndo seu olhar para ele. Por um momento, fitaram-se, ela parecendo não acreditar no que ouviu.

— É verdade — assegurou Arsenault, acariciando-lhe os cabelos dourados. — Um daqueles homens assassinou meu único filho, há pouco mais de uma semana. Estou procurando por ele para matá-lo.

— Q... qual deles? — afinal, ela conseguiu dizer algo.

— Seu nome é Tappan, Harlon Tappan. É desertor do exército.

Ela engoliu um pouco o choro e murmurou:

— O... o nome de um deles era esse... Harlon...

Um sorriso de satisfação e ansiedade surgiu nos lábios de Arsenault.

— Deus queira que seja — sussurrou mais para si mesmo que para ela. — Por isso estou aqui, para falar com seu avô. Ele procurou o exército e disse-lhe que Tappan passou por aqui, certamente a caminho da fronteira...

— E... eles estiveram aqui... — as lágrimas voltaram a fluir livremente dos olhos da jovem. — Se eu pudesse, os mataria com minhas próprias mãos...

— Por quê? Eles...?

— Não, não! — exclamou ela, os olhos brilhando, como que ofendida. — Não, porque não tiveram tempo. Consegui fugir da cabana e esconder-me entre as árvores.

Ela fez uma pausa, sentando-se na cama e passando os dedos pelo rosto molhado de lágrimas.

— Dois deles tentaram encontrar-me, rindo e falando imoralidades. Só escapei porque há uma caverna aqui perto na montanha. Eu brincava lá quando era criança. Corri para a caverna e fui ocultar-me no fundo. Só deixei meu esconderijo quando tive certeza que eles haviam ido embora.

— E seu avô?

Uma lágrima escorreu pelo canto dos olhos:

— Vovô não pôde fazer nada. É velho, fraco... Aqueles homens o empurraram para um canto da varanda e correram atrás de mim.

Arsenault ouviu tudo em silêncio, seu coração enchendo-se de revolta e ira. Quando ela terminou seu relato, levantou-se, os dentes trancados, e afastou-se dela. Foi sentar-se à única mesa da casa.

Encolerizava-se ao pensar no que Tappan e os companheiros teriam feito à jovem se ela não se tivesse escondido na tal caverna. Malditos! vociferou. Harlon Tappan era um monstro com forma humana, e os homens que o acompanhavam, evidentemente, seriam da mesma laia, feitos da mesma suja e pútrida matéria. O que não fariam criaturas tão desprezíveis encontrando, numa clareira da floresta, um velho indefeso, bêbedo, e uma jovem cheia de vida e tão desejável?

Rilhou os dentes, sentindo seu ódio aumentar de maneira incontrolável. E, a cada momento, esse ódio crescia. Nascera de forma vertiginosa, sufocante, quando ele, Arsenault, vira o cadáver de Kenneth, o ombro destroçado. Fora avisado em St. Vincent por um telegrama enviado pelos moradores de Camp Brown. Partira imediatamente, não podendo acreditar, nem por um momento que fosse, que Kenneth, o seu único filho, o filhe que Anne lhe dera trinta e dois anos atrás, estava morto, assassinado por um amaldiçoado desertor do exército.

Mas Kenneth morrera, e Arsenault nada pôde fazer. Exceto jurar, diante da sepultura dele, que encontraria e mataria Harlon Tappan. Por si mesmo, por Kenneth e por Anne. Seria a última coisa que faria por seu filho...

— Quer beber alguma coisa, xerife? — a pergunta surgiu como do nada e o fez abandonar os sombrios pensamentos.

Custou a responder, pois a imagem de Kenneth morto magoava sua mente e seu coração como um punhal afiado e abrasador. Voltou-se para o lado na cadeira e deparou com a jovem junto à cama, no canto da cabana. Parecia indecisa, temerosa, sem saber direito o que fazer ou dizer.

Arsenault procurou sorrir-lhe, para tranquilizá-la de que, em sua companhia, ela não corria risco algum.

— Uísque... — pediu, com voz rouca. — Você tem algum uísque em casa?

Ele observou-a assentir. Ao mesmo tempo, pensou que fizera uma pergunta tola. Afinal, sempre haveria uma garrafa de uísque na casa de um alcoólatra inveterado.

Hesitante, ela foi até o fundo da sala e abriu um armário junto ao fogão de pedra. Tirou uma garrafa de bebida de uma das prateleiras e levou-a até a mesa, colocando-a diante de Arsenault. Ele pouco se importou em servir-se dum copo ou duma caneca, apanhando a garrafa e tomando um longo gole do uísque amargo e barato.

— Obrigado — disse, depositando a garrafa na mesa. — Eu estava precisando disso.

— Eu imaginava... — murmurou ela, sentando-se toda encolhida numa outra cadeira.

— E seu avô? — fitou-a. — Onde está ele?

— Foi até o povoado, comprar alguns mantimentos — esticou o olhar úmido para a garrafa de bebida —, e mais uísque.

— Vai demorar muito?

— Acho que não. Pelo menos, eu lhe pedi que se apressasse. Não quero ficar sozinha aqui depois ...

Ela calou-se. Por vários momentos, os dois permaneceram em silêncio, Arsenault praticamente dando fim ao conteúdo da garrafa. Finalmente, ele perguntou:

— Como se chama?

— Eu?... Joan... Joan Storrs...

Ele olhou-a fixamente:

— Eles disseram se voltariam, Joan?

Joan Storrs abaixou o rosto, não conseguindo sustentar o olhar do homem. Sua resposta veio balbuciante e quase inaudível:

— E... eles voltaram... ontem...

— Ontem? — Arsenault surpreendeu-se. — Tappan estava com eles?

— Não, não... — ela suspendeu o olhar. — Somente dois deles. Estiveram aqui, mas não os deixei entrar. — Voltou os olhos para a espingarda de dois canos que deixara sobre a mesa antes de atirar-se no leito. — Tentei acertá-los, mas não consegui.

— Foram embora, então?

— Sim... Graças a Deus.

— Só vieram dois — pensou em voz alta Arsenault. — Tappan, logicamente, ficou no México. É muito perigoso voltar aos Estados Unidos com o exército e as autoridades civis querendo pegá-lo.

— Quem é ele, afinal?

— Um desertor do exército. Matou um sargento em Fort Hammer.

— E... e quanto a seu filho?

Arsenault-desviou os olhos dos dela, prendendo-os à garrafa de uísque sobre a mesa. Falou pausadamente:

— Meu filho era o xerife de Camp Brown, uma cidade distante daqui. Tappan feriu-o no ombro e abandonou-o à própria sorte. Kenneth não teve chance alguma.

— E o senhor está seguindo a Tappan para vingar-se?

Arsenault cravou os olhos nos dela:

— E que outra coisa poderia fazer, Joan? Kenneth conta comigo. Não posso falhar ante a sua memória.

Joan fremiu, sem querer, diante das palavras do homem. Ele parecia ter mais de cinquenta anos, bem mais que o dobro da idade dela. No entanto, à primeira vista, aparentava menos, pois, além de alto e espadaúdo, era seco e rijo. O rosto, anguloso, determinado, possuía rugas que, ao contrário de enfeá-lo, valorizavam-no, creditando-lhe maturidade e experiência. Os olhos muito azuis, eram jovens e ágeis.

Era um homem atraente, disse ela, consigo mesma. Um homem másculo, resoluto, de personalidade indomável e enérgica.

— Espero que seu avô não demore muito — disse ele, levantando-se e rumando até a janela ao lado da porta. Olhou para fora e comentou: — Está começando a anoitecer.

— O senhor vai prosseguir viagem, mesmo à noite?

— Certamente, se seu avô chegar logo. O homem que procuro deve estar no México.

— Mas, enfrentar uma viagem dessas durante à noite... — ela fitava-o com certa ansiedade.

Queria que ele se demorasse bastante na cabana, pois sua presença inspirava-lhe segurança.

— Se o senhor quiser — disse devagar —, poderá ficar aqui comigo e com vovô. Prosseguiria viagem amanhã cedo.

Ele deu as costas à janela e fitou a jovem, intrigado. Depois, sorriu, inquirindo:

— Seu avô permitiria?

— Creio que sim — ela deu de ombros. — E depois, está demorando tanto, que certamente dormirá no povoado. É sempre assim...

Joan deixou a frase em suspense, fazendo com que Arsenault se recordasse da conversa que tivera com o tenente Gallan, de Fort Kollper.

Chuck Storrs reconhecera Tappan porque vira o cartaz na delegacia do povoado próximo à cabana. E Storrs estivera naquela delegacia por ter sido preso por bebedeira. Sabendo disso e observando o tom de voz da moça, Arsenault só pôde deduzir que ela estava acostumada a essas ausências do avô.

— Aceito o seu convite, Joan — disse ele, afinal. — Posso dormir em qualquer lugar.

Ela sorriu, realmente satisfeita:

— Acho que perto da lareira seria ideal, não? Ficará aquecido e confortável.

Arsenault assentou com um sorriso e deixou a cabana. Foi apanhar seu cavalo junto aos arbustos em frente à casa. Puxando-o pelas rédeas, levou-o até ^os fundos, tirando-lhe a sela e os arreios e deixando-o sob uma marquise de madeira.

Retornou, então, à presença da jovem. Ela já ajeitara uma manta junto à lareira acesa.

— Se estiver com fome, há um pouco de comida quente.

Ele agradeceu e depositou sobre a manta a Winchester que retirara da sela. Estava mesmo com fome, com fome e sono. Uma boa noite de descanso o deixaria preparado para a viagem no dia seguinte.

A viagem rumo ao México. Rumo a Harlon Tappan.

CAPÍTULO TERCEIRO

Morte na madrugada

Arsenault despertou assim que ouviu o primeiro ruído. No momento seguinte, acordava completamente. Mas não se levantou. Deixou-se apenas ficar deitado de costas, na manta, junto à lareira. Seus ouvidos alertas perscrutavam a noite fechada lá fora, à cata de novos barulhos. E o segundo ruído surgiu um tanto distante, abafado, porém, claro e nítido, para seus sentidos em sobreaviso.

Ergueu-se dessa vez, pegando a Winchester no soalho da sala, a um ou dois palmos da manta. Olhou, então, para trás. A lareira acesa permitiu que visse a cama onde Joan dormia, a cortina puxada, isolando aquele canto do resto.

Esqueceu a jovem e atravessou em silêncio a sala da cabana, acercando-se da janela que flanqueava a porta pela esquerda. Espiou com cautela para fora. A escuridão cobria todo seu campo de visão, maculada somente pela suave claridade da lua nova. E foi graças a essa suave claridade que ele pôde perceber alguma coisa na área em frente à cabana e do rio correndo, manso e tranquilo, além das pedras enegrecidas pela noite.

— Aconteceu alguma coisa, xerife? — a voz de Joan às suas costas não o assustou.

Sempre mantendo a atenção no exterior da casa, respondeu:

— Não sei. Mas ouvi ruídos lá fora — houve um' momento de silêncio entre ambos. Depois Arsenault ordenou, com voz lenta: — Volte para a cama, sim?

— Prefiro ficar aqui, com o senhor...

Ele não tentou demovê-la da idéia, preocupando-se muito mais em observar detidamente a parte fronteira à casa. E essa observação durou quase um minuto, quando, então, encontrou a resposta para os ruídos que escutara.

Dois vultos avançavam por entre a vegetação junto à margem do rio. Vinham a pé, puxando as montarias pelas rédeas. Não pareciam importar-se

de serem vistos por alguém de dentro da cabana. Pelo contrário. Moviam-se despreocupadamente, em silêncio. Sua posição em relação à casa revelava sem sombra de dúvida, que era para lá que se dirigiam.

— Volte para o leito! — desta vez, a voz de Arsenault foi firme e autoritária, embora em tom baixo.

Joan obedeceu, retornando ao leito e deitando-se. Arsenault, foi até a porta e certificou-se de que estava trancada. A seguir, retornou à sua antiga posição. Pelo canto de um dos vidros embaçados, viu os dois homens deterem-se diante da cabana e amarrar as rédeas dos cavalos no galho seco de uma árvore. Tentou vislumbrar-lhes o rosto, mas a noite dificultava esse reconhecimento. Se não errara em suas deduções, aqueles visitantes poderiam ser os companheiros de Tappan retornando no meio da noite para surpreender Joan.

Afastou-se rápida e silenciosamente da janela, abaixando-se ao lado da cama da jovem.

— Vou sair — anunciou. — Fique aqui e responda naturalmente se alguém chamá-la.

— Eles... eles voltaram? — gaguejou a moça, à espectral claridade da lareira denunciando o terror que lhe invadira os olhos.

— Não sei. Sei apenas que há dois homens lá fora.

— E... e o que de... devo fazer?

— O que eu já lhe disse. Fique aqui. Só responda se eles a chamarem...

As palavras de Arsenault foram bruscamente atalhadas por um barulho que a escuridão da noite tornava ainda mais ameaçador: alguém forçava a porta. Tomada de pânico, Joan lançou-se aos ombros de Arsenault.

— São eles de novo! — murmurou, quase às lágrimas.

— Calma, calma. Enquanto eu estiver aqui, não farão nada...

Pela segunda vez, Arsenault foi interrompido:

— Ei, garota! Abra esta porta! — a voz de Glenn Hansen ressoou indignada. — Estamos de volta!

— Diga-lhes que vão embora — disse Arsenault —, para que pensem que você está sozinha e com medo.

Ela engoliu as lágrimas e gritou:

— Vão embora!

A resposta que recebeu foi a mesma que Arsenault imaginara: uma gargalhada alta e sonora.

— Vamos lá, boneca! — desta vez, foi a voz de Stan Fale que atravessou a folha de madeira. — Só queremos nos divertir um pouco!

— Eu já volto — ignorando o que Fale dizia, Arsenault sorriu para a jovem e desvencilhou-se dos braços dela.

Abaixado e empunhando a Winchester, avançou rapidamente pelos fundos da cabana. Em segundos, desaparecia das vistas de Joan, saltando por uma janela lateral da casa.

Joan encolheu-se na cama, trêmula, os olhos injetados de medo presos à porta. E esse medo transformou-se em verdadeiro terror quando a porta pareceu atingida por uma explosão, caindo, violentamente no chão. Em seu lugar, Joan viu na noite escura recortada a silhueta volumosa e ameaçadora de Stan Fale.

— Olá, beleza! — exclamou ele. em tom cínico e debochado. E penetrou na cabana, seus olhos plenos de malícia e desejo faiscando terrivelmente à luz da lareira. — Estamos de volta para uma visitinha!

E riu obscenamente, sendo imitado por Glenn Hansen, que entrou em segundo lugar. Diante de seus dois aterradores visitantes, Joan não teve como reprimir o pavor que lhe dominava o ser. Segundos antes que a mão direita de Fale a pegasse no tosto, ela gritou com todas as suas forças.

E seu grito ressoou loucamente dentro da noite...

* * *

Assim que saltou a janela, Arsenault ouviu com clareza o estrondo causado pela porta sendo arrombada. Retraiu-se de encontro à parede abaixo da janela, as mãos segurando firmemente a Winchester. O que temia e sabia que iria suceder finalmente acontecera: os dois amigos de Fappan tinham derrubado a porta, invadindo a cabana.

Malditos! praguejou, avançando rente à parede da casa. Não podia perder tempo algum, nem mesmo segundos. A segurança de Joan, sozinha com aqueles dois filhos duma cadela, dependia dele; dependia de sua presteza em alcançar a varanda da moradia e surpreender os desgraçados pelas costas.

Esqueceu todo e qualquer pensamento, atingindo uma das esquinas da casa. Com agilidade, saltou a balaustrada da varanda. Faltavam apenas

alguns metros para ver-se diante da porta destruída, quando o grito de Joan lhe chegou aos ouvidos e lhe gelou o sangue.

Apressou-se, detendo-se na moldura vazia da porta, com a Winchester apontada para o interior da sala. Por um rápido momento, antes de ter chance de dizer o que fosse, viu Fale curvado na direção de Joan e, atrás dele, Glenn Hansen com as mãos na cintura, rindo enquanto observava o amigo avançar para a jovem.

— Quietos, desgraçados! — ordenou. O ódio o queimava por dentro marcando cada palavra como uma brasa viva.

Fale e Hansen estacaram, surpresos. Mas não estavam aturdidos, pois Hansen, talvez por puro reflexo instintivo, virou-se velozmente para trás, descendo a mão, incontrolável, rumo ao coldre. Arsenault também agiu por reflexo instintivo: agachou-se e disparou sem sequer tomar consciência de que o fazia.

O dispare ecoou no silêncio da noite, a bala alcançou Hansen no centro do peito, arrebentando-lhe ossos e músculos, deixando o corpo sem vida pela omoplata esquerda. Frações de segundo depois, Hansen desabava no chão sem ter tido tempo de sacar a arma do coldre.

Assim que atirou, Arsenault pouco importou-se em conhecer que sinistras consequências tivera seu disparo no corpo de Hansen. Isto porque havia algo muito mais importante a fazer: engatilhar o Winchester, para enfrentar Stan Fale, amedrontado e colérico.

— Nenhum movimento! — ordenou, ainda agachado, com a espingarda fumegante voltada para o torso do bandoleiro. — Tome a arma dele, Joan!

Apesar de apavorada, a jovem encontrou forças para obedecer. Pulou do leito e acercou-se por detrás de Fale, apanhando-lhe a arma no coldre muito baixo. Empunhando o Colt com as duas mãos, Joan foi refugiar-se a um canto com os olhos tensos e trêmulos correndo de Hansen para Arsenault e vice-versa.

— Deite-se no chão! — Arsenault deu mais uma ordem. — Vamos, miserável! No chão, de bruços!

Fale mostrou-se indeciso, como se não tivesse escutado direito. Arsenault, por seu turno, não repetiu a ordem. Ao invés disso, desviou o cano do Winchester do peito de Fale para o teto da cabana e disparou.

— No chão! — gritou, furioso, enquanto o som do disparo vibrava no ar noturno. — Senão, a próxima será toda sua!

Desta vez, Fale entendeu perfeitamente o que Arsenault pretendia. Agachou-se no chão e deitou-se. Arsenault aproximou-se e disse:

— Mantenha os braços e as pernas bem separados, patife!

E chutou os pés de Fale, que cumpriu a ordem, fazendo com o próprio corpo, um enorme X no soalho da casa.

— Ótimo — aprovou Arsenault com um acento de zombaria na voz. — Depois, virou-se para Joan e sorriu-lhe. — Você está bem?

Ela fez que sim com a cabeça, o Colt ainda apontado para a frente. Sorridente, Arsenault foi até ela e tirou-lhe a arma gentilmente, dizendo:

— Sente-se na cama, Joan, e relaxe. Eu e o nosso amigo ali temos algumas coisas a conversar.

Adiantou-se até Fale, encostando o cano do Winchester em sua nuca. Fale estremeceu sem querer, ao sentir a arma na base do crânio.

— Onde está Harlon Tappan? — interrogou Arsenault.

— Q... quem é Harlon Tappan? — disse o outro, quase balbuciando.

— Sabe muito bem de quem estou falando, amigo — afirmou Arsenault. Forçou a boca da espingarda na nuca. — Harlon Tappan, ex-cabo da cavalaria e desertor do exército.

— E... eu não sei quem é es...

As palavras de Fale foram cortadas abruptamente. Arsenault deu-lhe um chute no lado da cintura, fazendo-o gemer de dor.

— Maldito! — rosnou Fale.

— Diga logo o que quero saber! — Arsenault ignorou o insulto e exigiu. Talvez por simples prazer, voltou a chutá-lo no flanco do corpo.

Fale gemeu mais uma vez e mais uma vez vociferou, retraindo-se no chão para conter a dor que começava a alastrar-se por seu abdome e costas.

— E... ele está no México... — informou, afinal.

— Isso eu posso deduzir sozinho, idiota! — grunhiu Arsenault. — Quero saber é em que local aquele bastardo dos infernos se escondeu!

— Ma... Madre de la Sierra...

— E onde fica isso?

— A menos de duas horas da fronteira... Não... 'Não é muito longe daqui...

— E ele está sozinho ou há algum outro idiota com ele igual a você e a seu amigo.

— Es... está sozinho...

— Ótimo. Fico contente que tenha cooperado.

— E... e o que vai fazer ago...?

A forte coronhada do Winchester que Arsenault desferiu-lhe na nuca roubou-lhe qualquer possibilidade de concluir a perguntar. Com um gemido surdo, mergulhou rapidamente na inconsciência.

De pé, a seu lado, Arsenault viu-o desmaiar, para esquecê-lo logo em seguida. Madre de la Sierra, México — pensou. O cachorro sujo estava em Madre de la Sierra, a menos de duas horas da fronteira. Sozinho.

Um sorriso cruel brotou no canto dos lábios de Arsenault, enquanto levantava o rifle e observava o homem desfalecido a seus pés. Harlon Tappan que começasse a rezar, porque ele, Arsenault, logo estaria em Madre de la Sierra. Para matá-lo...

* * *

Stan Fale só recuperou a consciência algumas horas depois, quando a luz azulada do amanhecer invadia a sala da cabana pelos vidros das janelas. Sacudiu a cabeça com vigor e teve ímpetos de levar a mão direita à nuca para massageá-la. Demônios! rosnou, ao descobrir que sua mão direita estava amarrada. Aliás, não só sua mão direita como a outra, seus pés e seu corpo. Ainda meio aturdido pelo retorno à realidade, virou o rosto para um lado e outro, descobrindo-se firmemente preso a uma cadeira.

Desgraçado! — pensou mais uma vez, lembrando-se de Arsenault. O filho de uma porca golpeara-o na nuca e, aproveitando-se do fato de estar desmaiado, amarrara-o àquela cadeira. E agora o miserável dos infernos dormia tranquilamente poucos metros a sua frente, numa manta ao lado da lareira.

Mas ele não perdia por esperar. Que dormisse como um bebê. Ele, Fale, lhe prepararia uma surpresa.

Sua mãe morrera quando ele tinha apenas cinco anos de idade. No que tange a seu pai, sequer o conheceu. Com uma irmã menor, foi morar no rancho de uma das irmãs de sua mãe. Foi nesse rancho que conheceu Urso-Que-Salta, um velho índio kunkpapas, filho de uma das famílias menores

dos sioux teton, os mesmos kunkpapas que um dia dariam à luz Tatanka-Yotanka, o valoroso chefe Touro-Sentada.

Urso-Que-Salta ensinou-lhe muita coisa da filosofia sioux, e vários truques. Um deles, Fale punha em prática agora, soltando sem muita dificuldade as cordas que lhe aprisionavam as mãos. Certo que não tinha a mesma perícia que Urso-Que-Salta. Por isso, demorou algum tempo para libertar-se. Aliás, tempo demais, pois Arsenault acordou com a primeira claridade do novo dia. Mas seus trabalhos não foram em vão. Soltara as mãos. Poderia usá-las no momento certo para atacar e provavelmente matar o idiota que o prendera.

Com cautela, viu Arsenault levantar-se da manta. Viu-o também acercar-se do leito onde Joan dormia, espiando pelo canto da cortina para certificar-se de que ela estava bem. Arsenault começou, então, a andar em sua direção. Fale não pôde sufocar um leve sorriso. O idiota aproximava-se sem saber que uma surpresa o aguardava.

Arsenault deteve-se junto à mesa, sob a atenção disfarçada de Fale. Depositou sobre ela o Winchester e curvou-se, apanhando a manta do chão e dobrando-a. Feito isso, foi até um canto da cabana, onde deixara seu alforje, trazendo-o para a mesa. A tudo, Fale observava com os olhos quase fechados. Espreitava o outro homem à espera do momento certo de atacá-lo, de investir contra ele. O único obstáculo era estar com os pés amarrados. Se estivesse completamente livre, já teria surpreendido seu adversário e tomado sua arma.

Alheio a isso, Arsenault pousou o alforje sobre a mesa e abriu-o, retirando dele um faca de caça e um pedaço de fumo. A lâmina afiada brilhou à luz do amanhecer, enchendo de cobiça os olhos de Fale.

Arsenault cortou um naco do fumo e colocou-o na boca. Devolveu o resto do fumo, junto com a faca, ao alforje e apanhou o Winchester de sobre a mesa. Mascando o fumo com visível prazer, adiantou-se até Fale, tocando-lhe o rosto com o cano da arma.

— Acorde, paspalho — ordenou, com rispidez. — O dia já nasceu!

Fale fingiu que acordava, piscando, os olhos e esboçando um falso bocejo. Ergueu o rosto para o outro homem e viu-lhe um sorriso no canto da boca.

— O que está pretendendo fazer comigo? — interrogou.

— Não se preocupe com isso, amigo — Arsenault exibiu um sorriso zombeteiro. — Preocupe-se apenas em ficar quieto, entendeu?

E encostou o cano do Winchester no peito de Fale. Este retesou-se, adiando qualquer tentativa de avançar contra Arsenault. Por ora, nada podia fazer.

Ainda mantendo o sorriso zombeteiro, Arsenault afastou-se. Fale observou-o ir até a entrada da cabana e tirar a porta que, durante a noite, ficara somente apoiada à esquadria. Foi depositá-la alguns passos adiante, junto à janela e encostada à parede. Depois, relanceando um rápido olhar a Fale, saiu da casa.

Fale alegrou-se intimamente, ao ver-se sozinho na sala; sozinho e com Joan adormecida e alheia a tudo. Procurou agir com rapidez e absoluto silêncio, trazendo as mãos de trás das costas e correndo-as aos pés ainda amarrados. Não levou mais que alguns momentos para desfazer o laço que os prendia, os olhos ansiosos e alertas sempre fixos no retângulo vazio da moldura da porta.

Se o idiota voltasse agora, murmurou consigo mesmo, rilhando os dentes de raiva, estaria tudo perdido. Sua única oportunidade de fugir e, principalmente, de vingar-se dele por tudo que acontecera, desapareceria como por encanto.

Livre, ergueu-se lentamente da cadeira, atento a qualquer som, a qualquer movimento no exterior. Acercou-se, quase na ponta dos pés, de uma das janelas da sala. Avistou Arsenault alguns metros adiante da casa, na margem do rio, lavando o rosto e a cabeça. Sorriu perversamente ao pensar que ele ainda se demoraria um pouco. Isso lhe daria tempo mais que suficiente de preparar-se para recebê-lo.

Correu os olhos pela sala, procurando alguma coisa que pudesse servir-lhe de arma, perguntando-se aonde estaria o corpo de Glenn. Certamente, fora levado para fora da cabana, depois que ele, Fale, recebera a coronhada na nuca. Seu primeiro impulso foi o de alcançar o alforje de Arsenault sobre a mesa. Havia uma faca ali dentro. Uma faca que ele teria o máximo prazer de enterrar no corpo daquele desgraçado lá na margem do rio...

Alegrou-se vivamente quando seus olhos pousaram na espingarda de dois canos de Joan, encostada a um canto. Praticamente voou para ela, abrindo-a, vendo dois cartuchos de grosso calibre, cada qual em sua

respectiva câmara de disparo. Fechou a arma e foi encostar-se junto à porta de entrada. Agora, estava pronto para receber aquele miserável...

Ouviu claramente os passos de Arsenault nos degraus de pedra, depois no piso de tábuas da varanda...

— Nem um pio, miserável! — grunhiu ao entrar o xerife na sala, encostando-lhe a pesada arma de caça nas costas. — Agora, quem dá as ordens sou eu!

E cutucou Arsenault com a arma, forçando-o a deslocar-se até junto à mesa. Com rapidez, tirou-lhe o revólver do coldre, observando, pelo canto dos olhos, que Joan se movera na cama.

— Não faça barulho, entendeu? — ordenou a Arsenault. — Não quero que a garota acorde — fez uma pausa e deu outra ordem: — Ponha a espingarda em cima da mesa, com cuidado.

Arsenault obedeceu e prestou atenção ao local onde Joan se achava. Assim como Fale, notara que a moça se mexera no leito. Movia-se de novo agora, erguendo-se no meio da cama e esticando a mão para a cortina. Quando a empurrou para o lado, seus olhos encheram-se de medo.

— Xerife! — exclamou, sem poder controlar-se.

— Cale-se!... — Por um momento muito curto, Fale desviou a mira da espingarda para a jovem.

Foi nesse ínfimo período de tempo que Arsenault agiu: bateu com força no cano da arma, empurrando-o para baixo. Como estava engatilhada, ela disparou, pois Fale, tomado de surpresa, não conteve o impulso de premir o gatilho. O tiro praticamente ensurdeceu os homens junto à mesa e Joan, ainda sentada no leito.

Arsenault foi o primeiro a recuperar-se do efeito da violenta explosão de pólvora e chumbo granulado, talvez porque já a esperava quando atacara Fale. Com felina agilidade, segurou com as duas mãos o cano duplo da arma e empurrou-o para trás. Fale foi atingido pela coronha da espingarda em pleno ventre. Dobrou-se para adiante, cuspindo um gemido de dor. Enquanto isso, Arsenault arrancava-lhe a arma das mãos e girava para trás. Posicionou-se à sua frente, desferindo um poderoso gancho de direita em seu queixo.

Fale recuou alguns passos, meio entontecido pelo golpe. Enfurecido, os olhos chamejando de ódio. Um filete de sangue começava a brotar de um dos vértices de sua boca quando mediu o adversário. Não hesitou mais.

Avançou para Arsenault, atingindo-o na mandíbula com um direto de esquerda. O xerife não pôde evitar o soco, mas tentou absorvê-lo. Não o conseguiu, pois Fale acertara-o com violência e habilidade, aturdindo-o e impedindo qualquer possibilidade de reação imediata.

Aproveitando-se do momentâneo atordoamento do oponente, Fale lembrou-se do Winchester sobre a mesa. Correu para a arma, chegando mesmo a senti-la em suas mãos. Mas Arsenault impediu-o de empunhá-la, projetando-se contra ele e forçando-o a largá-la.

Empenhados em furiosa disputa, ambos tombaram sobre a mesa, derrubando-a e rolando para o chão. Junto com eles, rolou para o soalho o alforje de Arsenault, que se abriu com a queda e despejou seu conteúdo ao redor de si.

Arsenault não percebeu o alforje cair, mas Fale sim, e seus olhos cheios de ira depararam com a faca de seu oponente. Procurando desvencilhar-se das mãos de Arsenault, que o seguravam pelas golas do casaco, praticamente chegou até o alforje aberto e estendeu a mão esquerda para o cabo da faca. Logrou alcançá-lo e, num movimento ágil e inesperado, contorceu-se na direção do outro homem. Este urrou de dor ao sentir a lâmina cravar-se no flanco direito de seu abdômen.

Ferido, a camisa tingindo-se de sangue, Arsenault não teve mais forças para segurar Fale. Livre, o bandido só teve um pensamento: o Winchester, caído a poucos passos deles.

Apanhou-o do chão, volvendo-se e empunhando na direção de Arsenault. Só mais dois segundos, o tempo bastante para apontar a arma com firmeza e calcar o gatilho, e Fale teria se livrado de uma vez por todas de seu opositor...

— O que está havendo aqui?... — uma voz trêmula, de bêbado, vinha da porta da cabana, surpreendendo Fale.

Arsenault tentou aproveitar-se dessa surpresa, apesar da dor no ferimento ser terrível. Reunindo toda sua energia, toda a sua vontade de sobreviver àquele combate, jogou-se contra Fale. Não sabia direito o que fazia, pois sentia o cérebro girar e o corpo enfraquecer-se com a perda de sangue. No entanto, quase em desespero, empurrou o cano da arma para o lado. Involuntário, confuso, Fale puxou o gatilho...

— Vovô! — o grito de Joan surgiu feroz, alucinado, e tão alto quanto o disparo do Winchester rasgando o silêncio do amanhecer.

Como uma demente, ela correu para Chuck Storrs, na entrada da casa. Antes de conseguir alcançá-lo, seus olhos enlouquecidos pelo terror viram-no dobrar os joelhos, as mãos no peito, arriar pesadamente na soleira da porta.

Abaixada junto ao caçador, Joan não teve como controlar-se. Fora de si, transtornada pela dor e pelo ódio, arrancou o Colt-45 do cinturão do avô e virou-se para trás. As lágrimas toldavam-lhe a visão, mas Joan avançou, até Arsenault e Fale.

— Parem! — ordenou, colérica. — Parem!

E disparou o Colt uma, duas vezes, forçando Fale a levantar-se. Quanto a Arsenault, este finalmente sucumbiu diante da dor, no chão, entregando-se ao turbilhão de fraqueza e agonia para o qual seu corpo e sua mente eram arrastados.

Joan ignorou-o, cravando os olhos encharcados de lágrimas em Fale. Premiu então o gatilho da arma pela terceira vez, e Stan Fale foi lançado para trás, sob o intenso impacto do chumbo.

Já estava morto antes de chegar ao chão.

CAPÍTULO QUARTO

Delírio

... Kenneth Kenneth Isso, meu filho... Segure às rédeas com firmeza... Isso...

... John querido... Ele é quase um bebê...

... A voz de Anne. Vem de muito longe. Está dizendo para parar. Ora! Mas por quê? Kenneth precisa aprender a mentir. Quanto mais cedo, melhor...

... Ele não tem nem cinco anos, John. Pode cair...

... Tolice, querida. Ele não vai cair. Não se preocupe...

... Estou aqui para matá-lo, Tappan...

... Tappan ergueu-se da cadeira, os olhos faiscando de ódio. A mão aproxima-se do coldre muito baixo.

... Matar-me?...

... Sim, Tappan. Meu nome é Arsenault. Ouviu, Tappan? Arsenault!...

... Tappan está indeciso. Não sabe direito o que fazer. A mão parece nervosa. Quase toca a coronha do revólver. Mais alguns segundos e sacará ...

... Arsenault, Tappan. É esse o meu nome. Meu filho chamava-se Kenneth Arsenault...

...Tappan estava confuso. Há ódio em seu olhar. Mas medo também. E hesitação. Pode sacar a qualquer momento. De repente. De surpresa. É um covarde. E agirá como um covarde ...

... Deixou-o para morrer, Tappan. Lembra-se? Nas imediações de Camp Brown. Às margens daquele rio, atingiu-o no ombro. Ele ainda estava vivo quando você partiu. E você sabia disso. Por isso o abandonou. Entregou-o à própria sorte...

... Seus olhos estreitam-se. Chamejam furiosamente. Maldito! Assassino! Covarde!...

... Estou vindo do Texas, Tappan. De muito longe. Do outro lado da fronteira. Somente para encontrá-lo. E sabe por que, Tappan? Porque vou

matá-lo! MATÁ-LO!...

... Tappan não espera mais. Saca o revólver. É muito rápido. Rápido demais. Mas não o bastante. Houve uma diferença. De um momento apenas. De uma fração de segundo. Kenneth deve estar assistindo tudo. Está ouvindo o som do disparo. Está vendo Tappan largar a arma. E cair. Cair para trás. Com uma mancha vermelha no peito. No lugar do coração. Recua alguns passos. A bala empurrou-o para trás. Seu corpo sem rida começa a cair. Tomba sobre a cadeira em que estivera sentado. A cadeira se quebra. Não suporta o peso de Tappan. E Tappan chega ao :hão. O sangue corre do ferimento do peito. Morto...

... Tome cuidado com ele, John...

... Tomarei, Anne. Tomarei...

... Venha urgente. Sentimos muito. Kenneth está morto...

... Kenneth. Anne... Oh, Deus! Todos mortos!... Como Joan... Joan, morta? Não! NÃO! Joan está viva! Sim! Viva!...

... Tem que estar viva!...

* * *

A dor surgiu profunda e lancinante quando ele tentou mover-se no chão da cabana, para pôr-se de pé. Com um resmungo de raiva por entre os dentes cerrados, retornou à posição inicial, estendendo-se no soalho e relaxando todo o corpo. Permaneceu assim por vários momentos, absolutamente imóvel, os olhos contraídos, o rosto crispado, lutando com determinação para dominar a dor que se irradiava em ondas sucessivas do ventre ferido para toda a cintura e o peito arfante. Conseguiu subjugá-la, mas em parte, e levou a mão direita ao local onde fora atingido pelo companheiro de Tappan. Surpreendeu-se vivamente ao descobrir que ali havia um curativo.

Com cautela, buscou levantar a cabeça para examinar o curativo, mas foi obrigado a desistir do movimento, pois, para executá-lo, forçara toda a musculatura abdominal, contraindo-a, e o resultado apresentou-se como quase atordoante. Impossibilitado de erguer a cabeça, resolveu confiar somente em seu tato, tocando devagar a região ventral. Realmente, tinha um curativo preso por uma tira de pano que lhe circundava a cintura. Ao mesmo tempo, tomou conhecimento de estar despido da cintura para cima...

Foi então que se lembrou de Joan. Certamente, fora ela quem lhe tirara a camisa ensanguentada e lhe fizera o curativo. Recordou, também, do que houvera, apesar de seu cérebro achar-se entorpecido pela dor e pelo sangue que perdera. Lembrou-se que lutara com o amigo de Tappan e que ele o esfaqueara, jogando-se depois para a arma caída a um canto da sala. Lembrou-se igualmente que, mesmo ferido, tentara desarmar o amigo de Tappan. Conseguira apenas empurrar para o lado a arma que o bandido apontava para seu peito e ela disparara, atingindo alguém que acabara de chegar à cabana e que ainda se encontrava na soleira da porta.

O recém-chegado caíra na entrada da casa e, depois de dois disparos, que Arsenault não lograva recordar-se de onde tinham surgido, a voz de Joan soara como o urro de uma fera alvejada, ordenando a ele e ao amigo de Tappan que se erguessem. Só que ele não pôde erguer-se; não com aquele ferimento no flanco do abdome, o sangue esvaindo-se por entre seus dedos.

Então, tudo escureceu a sua volta. Tudo se transformou em vazio, em nada, cortado somente por um tiro que lhe pareceu vir de muito, muito longe.

Mas bolas! — reclamou, virando o rosto para um lado e outro ao nível do chão. Onde estavam todos? O amigo de Tappan, o recém-chegado, Joan... Por que estava sozinho na cabana, deitado sem camisa no chão e um curativo no ferimento que tanto lhe doía? Por Deus, onde estava Joan?...

Seus pensamentos, confusos pela dor e pela fraqueza, foram cortados pelo som de passos na varanda da casa. No momento seguinte, a figura jovem e delicada de Joan surgia no vão da porta.

— Oh, xerife! — exclamou ela, ao vê-lo desperto. Agachou-se rapidamente ao lado dele, fitando-o com apreensão. — Graças a Deus que acordou!

Ele olhou-a, desejando inquiri-la sobre o que ocorrera enquanto ele estivera desacordado. No entanto, a única coisa que conseguiu fazer foi sorrir-lhe, murmurando:

— Joan...

— Não diga nada, xerife — ordenou ela com suavidade, procurando devolver-lhe o sorriso, a despeito de toda a preocupação que se podia ler em seus olhos. — Não pode fazer nenhum esforço.

— Eu sei... — concordou ele, penosamente. — Mas, mas o que houve?...

Ela não respondeu de imediato, abaixando o rosto e lutando por conter as lágrimas que tentavam dominar-lhe os olhos. Sua voz veio com dificuldade, pausada.

— Está tudo bem, xerife. Procure descansar. Qualquer movimento muito brusco poderá abrir o ferimento e fazê-lo sangrar.

E afagou-lhe com certa hesitação os cabelos negros. Diante da carícia, Arsenault fechou os olhos e deixou-se ficar ali, no chão. Apesar da dor, do cérebro zonzo, era tão bom sentir os dedos frágeis e macios de Joan em seus cabelos. Era maravilhoso saber que ela se importava com ele, cuidara dele, estava ali para protegê-lo até que ele estivesse em condições de agir sozinho, recuperado e senhor de si próprio.

Manteve os olhos fechados e quase se esqueceu das pontadas de dor no abdómen. Deslizou, então, mansamente para o sono, o sono que seu corpo debilitado e ferido tanto necessitava e exigia.

* * *

A escuridão da noite já chegara há muito tempo quando Arsenault voltou a abrir os olhos. Fê-lo pesadamente, e a primeira imagem que recebeu em suas retinas cansadas e doloridas foi a do teto da cabana, muito acima de seu rosto. Aos poucos, foi tomando consciência de tudo ao redor, percebendo que ainda continuava deitado no chão, sem camisa. Agora, porém, havia uma diferença, sentia o calor aconchegante e tranquilo de uma manta sobre o torso e os braços nus. Inspirou com energia, apurando os ouvidos e notando que havia mais alguém ali, na sala da cabana. Moveu devagar o rosto para a esquerda e vislumbrou a ponta de uma saia escura, a alguns passos de distância, junto ao fogão de pedra.

Sorriu. Joan estava ali. Cozinhando. O aroma irresistível de comida quente pairava no ar, provocando-lhe ainda mais a fome.

— Joan... — murmurou.

Viu a barra da saia oscilar e, logo em seguida, a jovem agachar-se a seu lado, sorrindo-lhe à luz de um lampião a querosene colocado sobre a mesa.

— Boa-noite, xerife — disse ela, conservando o sorriso. — Ia acordá-lo daqui a pouco...

— Quanto... quanto tempo estou aqui...?

— Desde de manhã cedo... — ela não concluiu a frase, pois a imagem de seu avô voltara a sua mente, magoando-a, ferindo-a sem clemência.

— Desde de manhã?... — gaguejou ele. — Foi, foi de manhã então que eu...?

— Sim, xerife — como da primeira vez em que ele acordara, ela voltou a afagar-lhe os cabelos escuros. — Mas acalme-se. Estou preparando um pouco de sopa. Vai fazer-lhe bem.

Joan ergueu-se, afastando-se com ligeireza na direção do fogão. Retornou instantes depois, com um prato e uma colher. Debaixo do braço, trazia o travesseiro da cama. Dobrou-o em dois e colocou-o gentilmente sob a nuca de Arsenault, elevando-lhe a cabeça. Começou, então, a alimentá-lo com a sopa, aos poucos, deixando-o engolir calmamente cada colherada.

— Pensei em deitá-lo na minha cama — disse ela, entre uma colherada e outra —, mas desisti logo. O senhor é muito pesado. Além disso, acho que não seria muito aconselhável movê-lo.

— Fez... fez bem — murmurou ele. — Quando menos me mexer, melhor.

Ela sorriu e continuou a dar-lhe a sopa. Arsenault, apesar de não poder esforçar-se, sorvia o alimento com avidez. Sentia-se faminto, não só porque passara o dia inteiro sem comer, como também pelo próprio enfraquecimento do organismo diante do que ocorrera.

E, pacientemente, Joan acabou de alimentá-lo, retornando ao fogão e deixando ali o prato e a colher.

— Descanse agora, por favor — pediu, ao voltar para perto dele. Ajeitou-lhe a manta sobre o corpo e acrescentou: — Uma boa noite de sono vai ajudar muito na sua recuperação.

Arsenault pensou em dizer-lhe algo, mas esboçou um sorriso apenas. Mais uma vez, resvalou par« o sono. a comida quente em seu estômago confortando-o e reanimando-o. E tornou a sentir os dedos de Joan em seus cabelos, num afago cheio de carinho e proteção.

* * *

Quase vinte e quatro horas após ter sido ferido, Arsenault já se sentia melhor. Os momentos de delírio, de febre alta e angustiante, tinham

cessado, permitindo que ele raciocinasse com maior clareza e tivesse uma percepção mais nítida do mundo ao redor. Estava em seu segundo dia de convalescença. No terceiro, conseguiu pôr-se de pé e sentar-se, com a ajuda de Joan, numa das cadeiras da mesa. Nesse dia, Joan ainda quis alimentá-lo, mas ele recusou-se. Podia perfeitamente mover as mãos e os braços. Não podia, contudo, exigir muito de toda a zona abdominal.

Diante de qualquer esforço, o ferimento fatalmente sangraria.

Enquanto fazia sua primeira refeição servindo-se sozinho, em companhia de Joan, ele teve ocasião de inquirir a jovem a respeito do que houvera. Sentiu o peito comprimir-se de dor ao descobrir que Chuck Storrs estava morto, vítima de um tiro acidental disparado pelo amigo de Tappan.

— Lamento muito saber disso, Joan — balbuciou, estendendo a mão até cobrir a da jovem.

— Sei que lamenta, xerife — disse ela, de olhos baixos, segurando a mão dele nas suas. — Mas acho que estou melhor agora...

— E... e onde está ele agora? — Arsenault hesitara muito antes de perguntar. — O... o corpo de seu avô?

Ela continuou de olhos baixos, sua voz transmitindo tristeza e saudade:

— Levei-o para tora... Não, não foi muito difícil arrastá-lo até as árvores. Vovô nunca foi um homem force, muito pesado. Quanto ao outro...

— Outro? — Arsenault surpreendeu-se.

— Sim... — afinal, ela levantou o rosto, fitando-o. — O homem com o qual o senhor estava lutando e que o feriu com a faca. — Não pôde mais sustentar-lhe o olhar e murmurou: — Eu, o matei...

Arsenault não procurou insistir. Joan, contudo, explicou-lhe que arrastara o cadáver para o exterior da casa e o deixara jogado junto ao rio. Foi-lhe extremamente difícil realizar tal proeza, mas conseguira, cobrindo com terra o corpo do bandoleiro.

— E quanto a mim, Joan? — ele procurou mudar de assunto.

— O senhor ficou desacordado a maior parte do tempo. Delirou também e teve febre...

— E você cuidou de mim, não?

Ela deu de ombros, sem jeito, procurando sorrir:

— Eu tinha que fazê-lo, não?...

Ele sorriu-lhe carinhosamente, sentindo vontade de beijar-lhe os longos cabelos sedosos e a testa delicada. Apesar de todo o sofrimento que a morte

de Chuck Storrs lhe causara, Joan conseguira encontrar forças para ajudar um outro ser humano ferido, salvando-lhe a vida. Tinha lutado, assim como o corpo de Arsenault lutara, contra a febre, a agonia e a morte. Era uma mulher de fibra, Arsenault pensou consigo, como muito poucas que ele tivera oportunidade de conhecer.

Juntos, em silêncio, terminaram a refeição e Joan recolheu os pratos, levando-os até um canto da sala, onde havia uma tina com água até quase a borda. Pôs-se a lavá-los, de costas para o homem.

Este ficou à mesa, observando com atenção a jovem trabalhar. Não saberia como encontrar palavras que pudessem agradecer-lhe tudo que ela fizera por ele. Joan salvara-lhe a vida, a despeito da própria dor, da própria angústia pela perda de um parente tão próximo. Que poderia fazer, que poderia dizer, para retribuir-lhe isso?

Abaixou a cabeça, tocando de leve o ferimento, admitindo que nunca encontraria uma resposta para essas dúvidas. Ao mesmo tempo, seu pensamento desprendia-se de Joan e ganhava novo rumo, cujo destino era o México. Era Harlon Tappan.

Demônios! vociferou, em voz quase inaudível. Tudo o que ocorrera o estava atrasando. Há muito que deveria estar a caminho de fronteira, do México. Afinal de contas, Tappan era um assassino, um desertor, que precisava estar em constante movimento para não ser capturado pelo exército. Seria completa tolice supor que ele permaneceria o resto da vida em Madre de la Sierra, esperando pelo homem que se encarregara da missão de matá-lo.

Mais cedo ou mais tarde, ele deixaria Madre de la Sierra, em busca de um novo esconderijo. Para tal, bastaria apenas que se sentisse ameaçado de alguma forma. Seus próprios companheiros não retornando a seu encontro já seria motivo de preocupação, de desconfiança. Se eles haviam combinado algo, como voltarem a se reunir, seja em Madre de la Sierra ou em outro lugar qualquer, e não tinham aparecido até agora, Tappan já deveria estar de sobreaviso, inquieto e temeroso.

Por isso, Arsenault perdia um tempo precioso ficando ali, na cabana de Joan. Bem, é verdade que se recuperava de um ferimento que poderia ter lhe custado a vida, mas eram dias perdidos. Tappan poderia estar longe agora, muito longe.

Trincou os dentes, zangado, sentindo uma fisgada no curativo. Achou engraçado estar pensando em duas coisas tão diferentes quase ao mesmo tempo. Enquanto observava a mulher que lutara tanto para salvar-lhe a vida, recordava-se que havia um homem no México que precisava matar.

O homem que matara Kenneth.

Joan e Harlon Tappan.

Como o destino pode ser tão surpreendente, meu Deus? Tão estranho! — pensou.

CAPÍTULO QUINTO

Uma promessa, uma esperança

Arsenault manteve-se afastado, de cabeça baixa, as mãos segurando a pá e o chapéu adiante do corpo, enquanto via Joan espalhar as flores silvestres sobre a sepultura do avô. Pensou em aproximar-se dela e oferecer-lhe algum tipo de consolo, de incentivo, mas nada fez. Aquele momento pertencia somente a ela e a Chuck Storrs. Ele, Arsenault, era um estranho, um desconhecido. Não poderia intrometer-se no silêncio em que a jovem mergulhara, junto à cova rústica, entre as árvores. Ela possuía o direito de despedir-se sozinha, com sua dor, suas lágrimas e sua saudade.

Finalmente, ela se levantou e ajeitou melhor o xale preto sobre os ombros estreitos. Por segundos, seus olhos ficaram pousados na terra mole que cobria o corpo de seu avô. Depois, virou-se para o lado e começou a andar na direção de Arsenault, a cabeça baixa, as mãos trêmulas apertando com força o xale de encontro ao peito.

Passou por Arsenault como se não o visse, embrenhando-se na floresta, rumo à cabana, Arsenault sequer pensou em dirigir-lhe a palavra, muito menos em detê-la. Apenas ajeitou o chapéu na cabeça e deu as costas à sepultura de Chuck Storrs.

Tomou a direção da cabana, apertando com precaução o curativo no lado do abdome. Agora, o ferimento pouco ou nada lhe doía. Apenas, vez por outra, sentia uma pontada incômoda, sobretudo quando fazia algum esforço involuntário. No entanto, a despeito dessas pontadas, conseguira dar melhor aparência à tosca sepultura de Storrs, que Joan cavara, enquanto ele se recuperava. Quanto aos dois amigos de Tappan, não se importara muito com eles. O primeiro, que tentara enfrentá-lo sacando a arma do coldre, Arsenault enterrara-o entre as árvores, durante a noite, enquanto o outro bandoleiro era ' mantido amarrado dentro da cabana. Já este último, Joan incumbira-se dele, enterrando-o junto ao rio.

Alcançou afinal, a cabana. Nos fundes dela, guardou a pá num pequeno cômodo destinado a ferramentas. Cuidou, então, de seu cavalo,

alimentando-o e dando-lhe água, para encilhá-lo em seguida. Preparava-o para a viagem até Madre de la Sierra onde finalmente, se veria frente a frente com Harlon Tappan. Como ansiava pelo momento de poder olhá-lo dentro dos olhos e dizer-lhe quem era na verdade o xerife de Camp Brown. Tappan saberia, então, que Kenneth Arsenault era o nome do homem que ele cruelmente, sadicamente, abandonara para morrer.

Depois o mataria, aplacando, assim, parte da terrível dor que lhe pressionava o peito. Está certo que jamais conseguiria livrar-se totalmente dela. No entanto, matar o assassino de Kenneth seria um bálsamo irrecusável.

Puxando sua montaria pelas rédeas, deixou os fundos da cabana, alcançando a frente dela. Por um segundo, pensou em partir sem se despedir de Joan. Todavia, não seria certo. Tinha que dizer-lhe algo, agradecer-lhe por tudo, antes de ir-se...

— Xerife... — a voz dela veio da varanda da cabana e obrigou-o a virar-se para trás.

Surpreendeu-se ao encontrá-la ali parada, vestida com calças compridas e uma camisa escura.

— Eu já estou indo, Joan —disse, refazendo-se da surpresa e subindo os degraus de pedra da varanda.

Joan adiantou-se até ele, parando a sua frente, os olhos úmidos de lágrimas ainda guardando dor e mágoa.

— Eu vou com o senhor, xerife — declarou ela, com firmeza. — Até o México.

— Comigo? — espantou-se ele.

— Por favor... — o queixo dela tremia incontrolavelmente. Joan tentava dominar as lágrimas com toda a sua vontade. — Não, não posso ficar aqui, sozinha...

Ele teve ímpetos de estreitá-la em seus braços e beijar-lhe docemente os cabelos cor-de-ouro. Conteve-se, porém, argumentando:

— Não posso levá-la comigo, Joan. Sabe muito bem por que tenho que ir ao México.

— Sim, eu sei... precisa vingar a morte de seu filho...

— Eu fiz um juramento, Joan. Kenneth, aonde quer que esteja, confia em que cumprirei minha palavra.

— Mas não vou atrapalhá-lo. xerife — objetou ela. — Apenas não quero ficar aqui. Não... não suportaria a solidão... — Pousou os olhos no chão, hesitante. — Eu... eu amava muito meu avô...

Desta vez, Arsenault não logrou conter por mais tempo o impulso de abraçá-la. Tocou-lhe com suavidade os ombros e puxou-a para si. Ela não opôs resistência. Pelo contrário. Afundou nos braços fortes dele e escondeu o rosto no peito amplo e protetor. Chorou, então, as lágrimas correndo céleres por suas faces aveludadas.

Arsenault manteve-se em silêncio, apertando-a contra o corpo e acariciando-lhe os cabelos. Ao mesmo tempo, percebia brotar dentro de si um sentimento que há muito desconhecia. E não era um sentimento paternal, próprio de um homem de mais de cinquenta anos diante de uma jovem de vinte e poucos. Ou simples gratidão por tudo que ela lhe fizera. Era algo muito mais forte, muito mais poderoso. Per Deus! Era o mesmo que sentira por Anne, a mãe de Kenneth, num passado que morrera para sempre.

— Joan... — sussurrou, afastando-a delicadamente do peito. — Tocou-lhe o queixo e fê-la levantar o rosto.

Estremeceu, então, diante das faces molhadas dela, dos olhos verdes e belos, dos lábios pálidos, trêmulos. Lentamente, ela abriu os olhos e fitou-o, e tudo aconteceu sem que nenhum dos dois pudesse evitar.

Arsenault buscou-lhe a boca entreaberta e tomou-a para si, num beijo ansioso e atrevido. Joan não o repeliu. rendendo-se por inteira e aceitando os lábios sequiosos do homem esmagando os seus.

Enfim, os lábios de ambos se separaram, e Arsenault admirou o rosto de Joan. Os olhos dela estavam fechados, como se a jovem ainda usufruísse do beijo sôfrego que haviam trocado. Sua respiração alterada revelava o quanto de ânsia e desejo havia em seu íntimo.

— Joan... — logrou ele dizer, num fio de voz.

E voltou a beijá-la possuindo-lhe a boca com avidez, ao passo que suas mãos apertavam na de encontro ao corpo. Tremia de excitação de louca ansiedade. Sentindo-a junto de si, dominada pelo amor e pelo desejo, quase não conseguia controlar a ânsia que lhe ardia por todo o ser.

Libertou-lhe os lábios e segurou-lhe as mãos, levando-a com delicadeza para o interior da cabana. Joan acompanhou-o, submissa, pronta

a aceitar tudo que ele determinasse, como se ele fosse seu senhor, seu soberano.

Arsenault deteve-se junto à cama e beijou-a mais uma vez. Depois, desnudou-a. aos poucos, sem pressa apesar da vertiginosa aflição que lhe incendiava as entranhas. Joan permitiu que ele lhe tirasse as roupas, exibindo-se aos olhos masculinos em toda a sua nudez pura e tão jovem.

Ele admirou-a. então, uma chama selvagem e furiosa ardendo-lhe no olhar. Seus olhos ávidos passearam por todo o corpo feminino, pelos seios altivos generosos, de pontas escuras e afiadas, pelo ventre reto e esguio, pelas pernas firmes e bem-feitas. Desejou-a como homem, como animal, como louco...

Despiu-se em momentos e gentilmente a deitara na cama. Também desnudo, estendeu-se ao lado dela e buscou-lhe os lábios, suas mãos nervosas afagando-lhe com atrevimento e pele acetinada e cálida. Joan não se esquivou a nenhuma daquelas carícias tão ébrias de prazer, envolvendo os ombros fortes dele com os braços e respirando com dificuldade.

Abraçados, como um só corpo, uma só alma, abandonaram-se ao amor, porque, agora, nada lhes era mais importante que isso.

Mais importante que a intensa vontade de se pertencerem.

* * *

Ele abraçou-a na varanda, murmurando antes de partir:

— Eu vou voltar, Joan... Por favor, espere por mim...

Ela fitou-o dentro dos olhos, com ternura e desejo:

— Vou esperá-lo o tempo que for preciso...

Arsenault voltou a beijá-la, e Joan mais uma vez entregou-se, o corpo jovem e sequioso tremendo de encontro ao do homem que tinha idade para ser seu pai. Só que, ali, naquele instante, depois dos momentos de furiosa loucura que tinham vivido, a idade dele, ou dela, havia desaparecido como por encanto. Ambos eram apenas um homem e uma mulher que, sem querer, tinham descoberto que se queriam; haviam descoberto o amor e o desejo em toda a sua voracidade.

— Eu vou voltar, Joan — prometeu ele mais uma vez. — De qualquer forma!

E afastou-se dela, descendo os degraus da varanda e saltando para a sela do cavalo. Virou-o na direção da estrada que seguia para o sul, para o México. Logo, homem e cavalo desapareciam por entre as árvores. Joan ficou para trás, sozinha, as mãos apertadas de encontro ao peito.

Sem querer, um sorriso meigo, tímido, surgiu em seus lábios, por entre as lágrimas que ela ainda não conseguira sufocar completamente. Lembrara-se de que não sabia o nome dele; Ele o dissera, quando ela o rendera com a espingarda, no dia em que se viram pela primeira vez, mas não lograra guardá-lo na memória.

Mas o nome dele talvez não tivesse tanta importância assim. Ele seria sempre o xerife. Alguém que surgira como por encanto e a conquistara por inteira.

E o xerife prometera que voltaria. Pois essa promessa fizera nascer uma esperança no coração de Joan. A esperança de que, um dia, ela não estaria mais sozinha naquela cabana.

Estaria com o homem a quem amava.

* * *

Já era noite fechada quando Arsenault atravessou a fronteira, pisando em solo mexicano. Viajara desde as oito horas do seu sétimo dia de recuperação até agora, e estava cansado. Só parara por volta de meio-dia, quando o sol forte torturava a ele e ao cavalo, e seu ferimento, ainda protegido por um curativo, parecia-lhe uma brasa viva. Procurara então, um abrigo contra o sol feroz e implacável; a sombra de algumas árvores, desmontando e preparando um pouco de café.

Reiniciou a viagem pouco mais de uma hora depois. O sol chegava a ser cruel, impiedoso, mas ele tinha que alcançar o México o quanto antes, pois receava que Tappan partisse de Madre de la Sierra antes de sua chegada.

Com a proximidade do entardecer, o calor diminuiu bastante. A vinda da noite foi como uma bênção para ele e para sua montaria, e o vento noturno, tão agradável e envolvente, secou-lhes o suor e refrescou-lhes o corpo dolorido e fatigado.

Finalmente, Arsenault avistou luzes na escuridão da noite deserta. Luzes de Madre de la Sierra. Um tremor de emoção tomou-lhe conta do

corpo. Agora, faltava pouco, muito pouco para o término de sua longa viagem, iniciada mais de uma semana antes, em Camp Brown, no Texas. Durante todo esse tempo, percorrera v milhas e milhas de planícies, de deserto, tivera que matar dois homens e estivera no limiar da vida, às portas da morte. E voltara a se apaixonar, como aos vinte anos, quando encontrara Anne.

Apesar de toda a sua alma estar voltada para a sombria missão que tinha pela frente, não pôde reprimir um sorriso ao recordar-se de Joan. Ela ficara um dia de viagem para trás, além da fronteira, numa cabana solitária no meio da floresta. Ficara sozinha com sua dor e com a sepultura de Chuck Storrs. E também, com as dos homens responsáveis pela morte de seu avô.

Mas não seria por muito tempo. Ele logo estaria de volta. Dera sua palavra a Joan que retornaria para junto dela, para tê-la pelo resto de seus dias.

E ele cumpriria essa promessa, por tudo que é mais sagrado. Agora, não era só a sua vingança que importava. Agora, ao lado daquele ódio tão intenso que vinha alimentando desde Camp Brown, havia o amor de Joan.

Por isso, tinha que matar Tappan por dois motivos. Por Kenneth e por Joan.

Porque precisava estar vivo, para Joan.

* * *

Pablo Rodriguez deixou que o último gole de tequila ardesse em sua garganta e descesse como lava incandescente na direção de seu estômago. Depois, olhou tristemente o copo vazio no balcão da taberna. Caramba! Estava louco de sede e o copo vazio lembrava-lhe que não havia mais dinheiro em seus bolsos. E isso só fazia aumentar-lhe ainda mais a vontade de beber.

Deu de ombros, reconhecendo que não poderia fazer nada, muito menos convencer José, o dono da taberna, a vender-lhe alguma coisa em confiança, sobretudo bebida. Desgostoso, lançou um último olhar ao copo vazio e começou a andar na direção da rua. Sentia os lábios secos, a garganta áspera. Como gostaria de mais um trago, de mais uma tequila para acalmar os nervos. Tinha que esquecer a sede. Melhor seria ir para casa,

tentar dormir. Talvez o sono lhe afugentasse do espírito e da boca toda aquela aridez.

Alcançou a rua e respirou fundo, o ar da noite penetrante em seus pulmões e animando-o. Olhou para a esquerda e viu o final da rua principal de Madre de Ia Sierra, as casas de alvenaria, pintadas de branco, parecendo fantasmas compactos e quadrados. Havia luz em uma ou outra casa, mas a maioria encontrava-se às escuras. Afinal, os moradores da cidade precisavam levantar-se cedo para o árduo trabalho no campo. Cada um tinha a sua obrigação dentro daquela pequena e sofrida comunidade, o que não acontecia com Pablo Rodriguez.

Ele não precisava levantar-se cedo, nem mesmo dormir cedo, pois vivia de pequenos serviços sem importância, e o pouco dinheiro que ganhava com esses serviços na sua maior parte, era logo gasto com tequila.

Moveu a cabeça devagar na direção oposta, avistando a entrada da cidade. Enrugou as sobrancelhas, procurando apurar a visão. Se o último trago de tequila não fora forte o bastante para fazê-lo ver coisas no meio da noite; um cavaleiro aproximava-se de Madre de la Sierra! Si! Era um cavaleiro, que vinha devagar, com aparência cansada.

Pablo Rodriguez sorriu, reconsiderando a sua idéia inicial de ir para casa dormir. Um forasteiro em Madre de la Sierra. Talvez um americano, com dólares nos bolsos. Bueno! Certamente quereria alguém para cuidar de seu cavalo e Pablo Rodrigues ali estava, para servi-lo...

— Buenas noches, señor — o mexicano esperou até que o cavaleiro se aproximasse mais e adiantou-se até ele.

Arsenault deteve o cavalo e fitou o homem que lhe dirigia a palavra. Enviou-lhe um sorriso rápido, cordial e desmontou.

— Boa-noite, amigo — cumprimentou-o.

— Americano? — inquiriu Pablo Rodriguez, num inglês carregado de sotaque.

— Si — respondeu Arsenault.

— Bem-vindo a Madre de la Sierra. Quer que eu cuide de seu cavalo? Posso levá-lo até a casa de meu compadre, Chico, para que seja alimentado e escovado.

Arsenault repetiu o sorriso e tirou do alforje de sua sela um papel dobrado. Desdobrou-o e olhou o mexicano.

— Claro, claro, señor. O que deseja?

Arsenault estendeu-lhe o papel aberto. Sob a luz vinda através da janela da taberna, o cartaz de "procura-se” do exército acusando Harlon Tappan de assassino e desertor surgiu ante os olhos de Pablo Rodriguez.

— Por acaso, viu este homem aqui em Madre de la Sierra? — indagou Arsenault.

O mexicano observou detidamente o cartaz e levantou os olhos ansiosos para o recém-chegado. Arsenault sustentou-lhe o olhar, ao mesmo tempo em que afastava para o lado a aba do casaco, revelando a estrela metálica que trazia no colete. Rodriguez estremeceu levemente, voltando a olhar o cartaz.

— Não tenho muita certeza, xerife — falou, hesitante.

Arsenault meneou a cabeça, entendendo o porquê da hesitação do mexicano. Dólar. Era isso que ele pensava. Dólar em troca de informação.

Arsenault retirou algumas moedas do bolso do colete e colocou-as na mão de Rodriguez.

—E então? — insistiu. — Lembra-se dele?

—Si, señor— à vista do dinheiro, um sorriso fácil apareceu no resto do mexicano. Mas feneceu logo em seguida, sendo substituído por uma expressão de medo. — É um assassino e desertou...

— Não precisa se preocupar, amigo — garantiu-lhe Arsenault. — Diga-me apenas onde encontrá-lo e pode levar meu cavalo para a casa de seu compadre Chico.

A expressão de medo amainou um pouco:

—Eu o vi algumas vezes aqui na taberna, señor — e apontou com o dedo por cima do ombro. — Parece que José, o dono da taberna, alugou-lhe um quarto lá nos fundos.

— ótimo — um sorriso de genuína satisfação entreabriu os lábios secos de Arsenault. Em seguida, dobrou o cartaz de "procura-se”, guardando-o no bolso da camisa.

Depois de retirar da sela seu alforje e a Winchester, passou as rédeas do cavalo às mãos do mexicano.

— Leve-o e cuide dele, amigo — disse. — Espero partir amanhã bem cedo.

Pablo Rodriguez sorriu e começou a afastar-se pela rua principal. Quanto a Arsenault, este jogou o alforje sobre o ombro esquerdo e encaminhou-se à porta da taberna. Tinha certeza que o mexicano, e o tal

compadre dele, Chico, tratariam com todo o zelo de seu cavalo. Nenhum dos dois seria tão estúpido a ponto de querer arrumar problemas com um xerife dos Estados Unidos.

Esqueceu esses pensamentos quando entrou na taberna. Algum estranho sexto sentido parecia-lhe captar a presença muito próxima de Tappan. com uma atração quase sobrenatural que o impelia para o desertor. Talvez fosse o cheiro da morte, da morte de Tappan.

Ou, então, da sua...

CAPÍTULO SEXTO

O preço de um traidor

Pablo Rodrigue? realmente gostava muito de tequila, e era em tequila que ele pensava enquanto caminhava calmamente pela rua principal de Madre de la Sierra, levando pelas rédeas o cavalo do xerife americano.

O forasteiro, que chegara da fronteira, raciocinava Pablo Rodriguez, dera-lhe algumas moedas em troca de uma simples informação: o lugar onde se encontrava o tal desertor do exército, cujo retrato estava estampado naquele cartaz de “procura-se” que o xerife lhe mostrara. Realmente, vira o desertor na cidade, ou então, alguém muito parecido com ele. Encontrara-o várias vezes bebendo na taberna de José. Este mesmo, lhe alugara ura pequeno quarto nos fundos da taberna.

Muy bueno! Cora aquele dinheiro americano, que José jamais recusaria, Pablo Rodriguez poderia voltar à taberna e tomar mais alguns tragos de tequila. Mas, primeiro, teria que fazer o que combinara com o forasteiro: levar-lhe a montaria até a casa de Chico, para ser alimentado o tratado.

Em determinado ponto de sua caminhada entre a taberna e a casa de seu compadre Chico, Pablo Rodriguez começou a fazer pequenos cálculos matemáticos. Se com as moedas que Arsenault lhe dera ele podia tomar algumas doses de tequila, com o dobro dessas moedas, obviamente, poderia tomar o dobro de tequila. Si! O doble de tequila!

Mas de que maneira conseguiria o dobro daquelas moedas? Simplesmente vendendo duas vezes a mesma informação. Ou melhor: indicando ao desertor do exército que um xerife dos Estados Unidos acabara de chegar a Madre de la Sierra e que o procurava.

Sorriu com prazer, sentindo na boca seca o sabor de várias doses de tequila. O desertor ficaria tão satisfeito com a informação que não hesitaria em pagar por ela. Aliás, Pablo lhe estaria prestando um grande favor.

E, depois que os dois se encontrassem e tirassem suas diferenças a limpo, Pablo ainda poderia lucrar mais alguma coisa. Bateu carinhosamente

no pescoço musculoso e rijo do cavalo. Se o xerife americano fosse morto pelo desertor Pablo, logicamente, herdaria aquele maravilhoso animal, com sela e tudo.

Ampliou consideravelmente o sorriso e apressou o passo na direção da casa de Chico. Precisava voltar o quanto antes à taberna, não só para beber como também para vender a informação que tinha.

Pelo visto, aquela noite seria bastante proveitosa.

* * *

Assim que transpôs a porta da taberna, Arsenault voltou a sentir uma fisgada no ferimento. Involuntário, crispou o rosto e levou a mão ao curativo, comprimindo-o com cautela. A fisgada se foi, mas ele não descartou a possibilidade de ela voltar. Ou, o que seria muito pior, do corte abrir-se e começar a sangrar. Afinal, uma semana apenas não é tempo suficiente para um ferimento daqueles fechar-se por completo.

Se não fosse o seu receio de que Tappan pudesse deixar Madre de la Sierra de um minuto para o outro, teria permanecido nos Estados Unidos, com Joan, na cabana. Só empreenderia qualquer tipo de viagem quando se encontrasse plenamente restabelecido.

Desviou os pensamentos de tudo e adiantou-se até o balcão da taberna. O homem atrás do balcão mediu-o de alto a baixo, com franco interesse. Era alto, forte e de tez bem morena, o que combinava com os cabelos negros e lhe creditava, quase indubitavelmente, a nacionalidade mexicana. Arsenault sustentou-lhe o olhar e depositou sobre o balcão o alforje e a Winchester.

— Uma garrafa de uísque, amigo — pediu.

Em silêncio, o homem acatou o pedido, pondo a sua frente uma garrafa de uísque e um copo. Arsenault ignorou-o, então, apanhando seus pertences de cima do balcão e dando meia-volta. De frente para o resto da taberna, constatou que era alvo dos olhares dos outros homens ali presentes.

Correu os olhos num movimento circular, e abrangendo a todos. Não se preocupava com eles, e muito menos com o fato de que o observavam. Sua intenção era saber se Harlon Tappan estava entre eles.

Franziu o rosto, decepcionado. Tappan não estava ali. Certamente, achava-se no quarto que o dono da taberna lhe alugara, segundos as

palavras do mexicano que encontrara ao chegar à cidade. E esse quarto, também segundo as palavras do tal mexicano, ficava nos fundos da taberna. Por isso, não evitou relancear os olhos a uma porta fechada alguns metros de distância a sua direita, na outra ponta do balcão, imaginou que ela daria para a parte traseira do estabelecimento.

Se quisesse alcançar Tappan, provavelmente aquele seria um dos caminhos que teria que utilizar.

Esqueceu a porta dirigiu-se à uma mesa de canto. Sentou-se ali, o alforje e a Winchester a sua frente e a garrafa de uísque na mão direita. Livrando-se do chapéu empoeirado, abriu a garrafa e tomou um longo gole do líquido. Sentiu-se mais desperto e vigilante quando o uísque amargo lhe chegou até o estômago.

Em pouco tempo, o interesse que despertara nos frequentadores da taberna diminuiu consideravelmente. Logo, ignoravam-no, como se o tivessem aceito como membro daquele grupo de homens cansados e ansiosos por um gole de bebida. De sua parte, também os ignorou, pois quem desejava realmente encontrar não estava ali. Era Tappan quem ele queria, e não um bando de mexicanos preocupados somente com sua tequila. Tão logo avistasse o desertou e lhe enfiasse uma bala no coração, deixaria Madre de la Sierra para sempre e retornaria a seu país, para Joan...

A imagem do mexicano com quem falara na porta da taberna intrometeu-se em seus pensamentos. E a causa dessa intromissão se dera há pouco, quando afirmara a si mesmo que deixaria a cidade tão logo se avistasse com Tappan e lhe enfiasse uma bala no coração.

Demônios! — rosnou, furioso, consigo mesmo. O maldito mexicano poderia muito bem procurar Tappan e avisá-lo de que um xerife americano o procura na cidade. Filho duma porca! Claro que o miserável faria isso, visto que seus olhos tinham se enchido de cobiça quando Arsenault lhe dera aquelas moedas. E Tappan ficaria tão agradecido que saber/a recompensá-lo generosamente.

Traidor desgraçado! Certamente aquele imbecil não hesitaria em trocar a própria mãe por um punhado de dólares, ou uma garrafa de tequila. O que não dizer, então, de um completo estranho, com uma estrela de prata na lapela identificando-o como xerife nomeado pelo governo dos Estados Unidos?

* * *

As batidas na porta do quarto, cautelosas e rápidas. forcaram Harlon Tappan a saltar da cama e praticamente atirar-se sobre o cinturão de balas em cima de uma mesa encostada num dos vértices do aposento. Tirou com ligeireza o Colt-45 do coldre e acercou-se silenciosamente da porta.

— Señor, señor... — a voz de Pablo Rodriguez atravessou a folha de madeira. — Abra, señor, por favor...

— Quem é? — inquiriu Tappan, em alerta, a arma engatilhada próxima ao peito e pronta para entrar em ação.

— Um amigo, Señor. Preciso dizer-lhe algo.

Tappan pensou por momentos, olhando a porta fechada e depois esticando os olhos para a única janela do quarto. Pesava suas chances de fuga, caso precisasse escapar. Afinal, sequer imaginava quem poderia estar do outro lado da porta a sua procura. Poderia ser um truque, uma armadilha armada para capturá-lo.

Resolveu arriscar, idéia essa que realmente não lhe era nada agradável. Com lentidão, abriu a porta e afastou-se dela, a arma apontada, o dedo prestes a comprimir o gatilho.

— Por favor, señor...! — gaguejou, Pablo Rodrigues, apavorado, ao entrar no quarto e deparar-se com o Colt do desertor. — Não, não pretendo fazer-lhe mal...

— Quem é você? — Tappan movimentou-se com rapidez, agarrando o mexicano pela gola da camisa e puxando-o para o centro do quarto. Ao mesmo tempo, empurrava a porta com o pé, trancando-a em seguida. — Vamos! Quem é você?

— Um... um amigo, señor, juro por mi madre!...

— Sua mãe que se dane! — rosnou Tappan, os olhos brilhando ferozmente à luz de um lampião a querosene sobre a mesa no canto. — Quero saber o que deseja de mim?

— Te... tenho uma informação, señor...

— Que diabo de informação? — Tappan avançou na direção do outro homem.

Pablo Rodriguez retraiu-se, temeroso, os olhos hesitantes correndo no rosto de Tappan para a arma que este empunhava.

— É... é sobre um xerife, señor... — gaguejou, afinal.

Os olhos de Tappan dilataram-se à menção daquela palavra. Por segundos, não soube direito que atitude tomar, mas recuperou-se logo, adiantando-se até o mexicano e voltando a agarrá-lo pela gola da camisa. Praticamente levantou-o do chão, cravando os olhos em chamas nos dele e interrogando:

— Que xerife, cachorro? Que xerife?

— Por favor, señor... — balbuciou Pablo —, não, não me bata... Ele chegou há pouco a Madre de la Sierra... É... é um xerife...

— Como sabe?

— Ele... ele me mostrou um cartaz com... com o seu retrato, señor...

Tappan rilhou os dentes, enfurecido, o rosto barbado contraído numa máscara de ira e ansiedade.

— Um cartaz? — interpelou, ao mesmo tempo em que empurrava Pablo na direção da cama.

O mexicano caiu no leito e fitou com genuíno temor o homem que o xerife americano procurava.

— Si, señor... — disse. — Um... um cartaz de “procura-se”, do exército americano...

— Esse xerife está me procurando?

— Sí. Encontrei-o na entrada da cidade... Mostrou-me o cartaz e perguntou se eu tinha vista o senhor.

Tappan fuzilou-o com olhar ardendo de cólera:

— E o que você lhe disse?

Pablo Rodriguez engoliu em seco. pensando seriamente na resposta. Diante daquele homem tão forte e violento, procurado pelo xerife americano, sua única opção era a mentira.

— Nada, señor...

A expressão de alívio no rosto de Tappan foi bem visível. Pablo Rodriguez também se sentiu aliviado, pois imaginava o que o desertor poderia fazer-lhe caso soubesse a verdade.

— E onde está esse xerife, agora? — indagou Tappan.

— Creio que na taberna, señor — Pablo Rodriguez acalmara-se um pouco. — Pelo menos, nos encontramos em frente a ela.

— Ótimo — Tappan cofiou a barba negra, pensativo. Depois, olhou o outro homem e apontou a porta do quarto com um movimento de cabeça. — Obrigado pela informação, amigo. Fez muito bem em vir avisar-me.

— Tinha certeza que o senhor ficaria contente ... — não terminou a frase, olhando ansiosamente para o desertor.

Por momentos, fitaram-se, Tappan, afinal, entendendo o que o mexicano pretendia.

— É, amigo — disse, pegando seu casaco, no encosto de uma cadeira. — Concordo que merece alguma coisa pela informação que me trouxe.

E tirou uma nota de um dólar do bolso do casaco, passando-a a Pablo. Este sorriu largamente:

— Muchas gracias, señor, muchas gracias! — Rumou à porta, abriu-a e voltou a agradecer: — Muchas gracias!

Tappan meneou a mão direita, mandando-o embora, e trancou a porta. Permaneceu alguns momentos junto a ela, avaliando o que o mexicano viera dizer-lhe. Com que então, um xerife em Madre de la Sierra à sua procura? Mais um idiota, igual à aquele de Camp Brown. Não seria difícil mandá-lo para o inferno, como fizera com o outro. Um simples xerife não era preocupação muito inquietante, exceto se não tivesse vindo sozinho.

Peles infernos! O desgraçado poderia ter trazido o exército. Com os bastardos uniformizados por perto, aí sim tudo se complicaria.

Enquanto pensava, adiantou-se até a mesa de canto e apanhou o cinturão. Antes de colocá-lo nos quadris, devolveu o revólver ao coldre. Iria dar uma espiada na taberna. Seria fácil identificar o tal xerife americano, no meio de tantos mexicanos estúpidos e ignorantes.

Identificando-o, encontraria uma maneira rápida e eficaz de matá-lo. Ou então, faria com ele o mesmo que fizera com aquele imbecil de Campo Brown: lhe destroçaria o ombro com uma bala e o deixaria sozinho no deserto, para morrer lentamente.

* * *

Tequila! Tequila! Tequila! Pablo Rodriguez estava mais que satisfeito, e a palavra tequila não lhe deixava o pensamento em paz um só momento. Um dólar. Um dólar americano! Tomaria tanta bebida que ficaria embriagado por semanas a fio. Liquidaria com o estoque de José. Si! Com todo o estoque de José!

O desertor do exército fora muito mais generoso do que aquele xerife. Enquanto este lhe dera somente umas poucas moedas, o desertor

recompensara-o com uma nota de um dólar. Realmente, fizera um bom negócio. Agora, só restava esperar que o desertor acabasse com o xerife, para que Pablo Rodriguez pudesse ficar com o cavalo deste último.

E seria isso mesmo que aconteceria, pois, o desertor, estando avisado da presença do xerife, não hesitaria em livrar-se dele. Quanto ao xerife, ele ignorava tudo e seria pego de surpresa.

Bueno! Muy, muy bueno! exclamou consigo, afastando-se a passos largos do quarto de Tappan e saindo do pátio interno da taberna por uma porta que dava para a rua principal. Ao alcançar a rua, sentiu que dedos fortes como aço agarravam-lhe a gola da camisa e puxavam-no com energia para o lado, forçando-o a colar-se de costas numa parede. Com os olhos aterrorizados, viu-se diante da boca escura e mortífera de um revólver.

— Olá, amigo — a voz irada de Arsenauh transformou-lhe o sangue em puro gelo. — Vendeu caro a informação que tinha, traidor?

— Si... señor xerife? — Pablo Rodriguez tremia incontrolavelmente, enquanto o cano do colt era espetado em sua garganta. — P... por favor...

— Traidor maldito! — rosnou Arsenault. — Estive lá dentro até há pouco. desgraçado, e pude ver muito bem que foi denunciar-me àquele desertor dos infernos!

— Mas, mas. señor...

— Cale-se! Diga-me apenas a verdade, entendeu? A verdade! Contou ao desertou que estou aqui, não é? À procura dele?

Os olhos apavorados de Pablo Rodriguez pareciam terrivelmente hipnotizados pela arma que Arsenault empunhava. E, a cada vez que este último movimentava-a, o mexicano grudava-se mais à parede, como que preparando-se para morrer.

— Eu, não falei nada, señor — disse, trêmulo.

— Não minta! — o cano da arma aproximou-se de sua garganta e fê-lo quase coser-se à parede às suas costas.

— Es... está bem, senòr... Eu... eu precisava de dinheiro... Minha família está passando fome...

— Vamos dizer que eu acredite nisso — a voz do xerife estava cheia de ironia. — E o que falou Tappan da informação que você lhe levou?...

— O... o nome dele é Tappan, señor?

— Sim! Harlon Tappan! O que disse ele?

— Nada, nada... Mandou-me embora apenas ...

— Se estiver mentindo...

— Não, não, señor! Não estou mentindo! Ele... ele não me disse nada... Juro por mi madre!

Arsenault afastou-se lentamente, mas conservou a arma apontada para o pescoço dele.

— Está certo — disse, afinal. — Suma da minha frente vá buscar meu cavalo.

— Si, señor! — Pablo Rodriguez não esperou segunda ordem, correndo velozmente na direção da casa de seu compadre.

Arsenault viu-o partir e desaparecer no meio da noite. Apesar da raiva que sentia por ter sido atraiçoado, não tivera coragem de matá-lo. Quanto a Tappan, esse, sim, teria prazer em matar, e com tanta frieza quanto Tappan tivera ao deixar Kenneth à beira daquele rio, para morrer sozinho, sem qualquer tipo de ajuda.

Um sorriso cruel entreabriu-lhe os lábios. Desviou, então, os olhos do caminho percorrido pelo mexicano e olhou para o pátio interno da taberna. Estivera escondido lá dentro enquanto o mexicano conversava com Tappan. Voltaria, agora, mas não para esconder-se. Iria diretamente ao quarto de Tappan. Por causa da maldita traição cometida pelo mexicano, era obrigado a valer-se do ataque imediato, direto. Não podia mais ficar à espreita na cidade, até que Tappan aparecesse. Tappan estava avisado de sua presença e também se preparava para o ataque.

O maldito mexicano precipitara as coisas e não havia outra saída senão avançar e tentar surpreender Tappan o mais rápido possível.

Guardou o revólver no coldre e apanhou a Winchester que deixara encostada à parede enquanto entendia-se com o mexicano. Atravessou o umbral da porta e seguiu, curvado para a frente, em meio às sombras da noite. Estava agora no pátio interno da taberna, dirigindo-se para uma árvore. Agachou-se atrás dela e esticou o olhar para a porta fechada do quarto de Tappan.

Já sabia o que faria e não havia outra alternativa. Nenhuma outra.

Abandonou a árvore e avançou com cautela até o quarto de Tappan. Encostou-se à parede ao lado da porta e bateu de leve na folha de madeira. De imediato, uma voz forte e irritada veio lá de dentro:

— Quem é?

Estremeceu vivamente, o sangue correndo mais velozmente em suas veias, o coração batendo alucinado dentro do peito e as mãos crispando-se na Winchester. Por todos os demônios! Por Keneth! Estava ouvindo pela primeira vez a voz de Tappan. Harlon Tappan, o homem que matara seu único filho. O homem que vinha caçando há mais de uma semana, caçando para matar!...

— Quem é? — a voz de Tappan tornou a perguntar, alterada e furiosa. — Quem está aí?

Arsenault engoliu em seco, controlando o febril e intenso ódio que lhe queimava as entranhas. Não podia se deixar dominar por ele, não agora, que estava tão perto do final de sua missão. Tinha que agir friamente, senhor de seus instintos e reflexos. Deixar-se subjugar pelo ódio seria o mesmo que lutar em desespero, às cegas, e esse tipo de luta só teria um resultado: a sua própria morte.

— Yo, señor — falou, enfim, buscando limpar a voz de qualquer flexão que lhe denunciasse a nacionalidade americana. — Preciso falar-lhe, señor

Falava em inglês, como o mexicano, mas tentando imitar-lhe o sotaque castelhano.

— O que quer de novo? — a voz de Tappan surgiu novamente.

— É só um minuto, señor... Abra. Esqueci de lhe dizer uma coisa...

— Demônios! — a imprecação atravessou a porta e alcançou os ouvidos de Arsenault. — Espere um momento!

Arsenault esperou, as mãos segurando com firmeza a espingarda. Escutou, então, a trava da porta ser corrida. Era o momento. O momento preciso para atacar. O momento de ver-se frente a frente com o assassino de Kenneth.

O momento de matar Harlon Tappan!

CAPÍTULO SÉTIMO

Estrela de sangue

Assim que Tappan abriu a porta, Arsenault arremeteu contra ela com todo o peso do seu corpo. Apesar de estar prevenido contra alguma armadilha, Tappan não teve como revidar ao ataque, sendo empurrado para trás, na direção do centro do quarto, e quase perdendo o equilíbrio. Arsenault aproveitou os lépidos momentos de surpresa do inimigo para apontar a Winchester para o peito dele, ordenando:

— Quieto, Tappan! Quieto!

Tappan imobilizou-se diante da espingarda que o outro homem lhe apontava, os olhos cheios de raiva cravando-se nos dele.

— Quem é você? — interrogou.

— Primeiro, largue esse revólver!

Tappan obedeceu, jogando o Colt sobre a cama. Ao mesmo tempo, mantinha toda a sua atenção no homem que lhe invadira o quarto. Media-o avaliando suas chances de enfrentá-lo e derrotá-lo.

— Finalmente, Tappan — disse Arsenault. — Finalmente.

O sangue do xerife fervia, a despeito de toda a sua vontade de conservar-se calmo. Até aquele momento, só tinha visto o rosto de Tappan através do cartaz de “procura-se” emitido pelo exército. Agora, via-o pessoalmente. E continuou a odiá-lo com todas as suas forças. Continuou a desejar-lhe a morte como a coisa mais importante em sua vida.

— Não sabe como eu estava ansioso por este momento, Tappan? — pôs de lado os pensamentos e encarou o desertor.

Tappan sorriu amargamente:

— É o tal xerife americano, não, amigo? Aquele mexicano idiota me fez o favor de avisar-me que você estava em Madre de la Sierra.

— Sim, Tappan. Sou xerife e também sou americano. Mas não pense que venho para prendê-lo e levá-lo de volta aos Estados Unidos.

Os olhos de Tappan dilataram-se de surpresa.

— O que pretende, então? — inquiriu?

— Muito simples — Arsenault saboreava aquele momento com visível prazer. O prazer de ter encontrado, o homem que tanto odiava. O prazer de saber que iria matá-lo, friamente, impiedosamente. — Há cerca d<» uma semana, você esteve em Camp Brown, não?

— Sim — respondeu o outro, com cautela.

— E atirou no xerife daquela cidade. Não o matou, pelo menos não na hora que o alvejou. Deixou-o vivo, com o ombro estraçalhado, e ele morreu sozinho, sem chance alguma.

Enquanto falava, Arsenault sentia o ódio crescer dentro de si, como um animal feroz e diabólico com assustadora velocidade. E foi esse animal que lhe ditou as palavras que disse a seguir:

— Pois bem, Tappan. Esse xerife chamava-se Kenneth Arsenault.

— E daí? —T o outro continua cauteloso.

— O meu nome é John Elgin Arsenault, Tappan. — Havia ódio, ódio puro e brutal em sua voz quando ele acrescentou: — Kenneth Arsenault era meu filho!

Tappan arregalou os olhos, surpreso com o que acabara de ouvir. Em momentos, essa surpresa transmudava-se em medo, revelando o covarde que habitava em seu íntimo:

— Ei, amigo, calma... Eu não matei seu filho!

— Como não matou? Abandonou-o para morrer, Tappan! É um assassino! Um assassino covarde e miserável!

Calou-se, crispando o rosto os lábios contraindo-se numa careta de dor. O ferimento no flanco do abdome emitira uma fisgada a todo o seu corpo. E logo em seguida veio uma segunda, mais forte, mais lancinante. Procurou respirar com calma, na intenção de neutralizar a dor que lhe perturbava a mente e os sentidos. O ódio que o consumia fora a causa de tudo aquilo. A emoção do momento, a raiva, o sentimento de vingança, tudo perturbara o equilíbrio de seu organismo, o ferimento reagindo de pronto e começando a pulsar dolorosamente.

Esforçou-se por resistir às pontadas no corte, e Tappan notou que havia alguma coisa errada.

— Eu não tenho nada com a morte desse xerife de Camp Brown — assegurou Tappan, olhando melhor para c outro homem.

Percebera claramente quando Arsenault reagira à primeira fisgada no ferimento, na frenética tentativa de absorvê-la e eliminá-la de seu cérebro.

Interessou-se em descobrir o porquê de seu oponente agir daquela forma, principalmente quando levou a mão esquerda ao lado do ventre, mantendo com a direita a Winchester apontada para a frente.

Tappan alegrou-se intimamente. O xerife americano estava ferido. Era essa a única explicação para o procedimento dele. Alguém o atingira ali, no lado direito da cintura, prestando assim um favor a Tappan. Um favor que representava uma grande vantagem sobre o inimigo.

E Arsenault sentiu uma terceira contração no ferimento. A dor aumentava paulatinamente, dopando-lhe o raciocínio.

Para testá-lo, Tappan moveu-se de leve. Arsenault captou-lhe o movimento e logrou preparar-se para qualquer ataque por parte do desertor:

— Quieto, Tappan — firmou a Winchester com as duas mãos, pondo de lado a preocupação' com o curativo.

No entanto, não pôde ignorá-lo por muito tempo, pois uma outra fisgada surgiu, alastrando-se por seu íntimo e tonteando-o. Tappan agiu nesse exato momento, projetando-se para frente e empurrando com força a espingarda para o lado. Pego de surpresa, Arsenault apertou involuntariamente o gatilho e a. arma disparou. Tappan pouco se incomodou com o tiro, golpeando o queixo de Arsenault com o punho direito e preparando o esquerdo para descer sobre o ferimento do adversário com toda a violência de uma patada de urso.

Talvez por puro instinto, o xerife conseguiu desviar-se do segundo golpe, mas perdeu o equilíbrio, caindo para o lado, contra a parede do quarto. Tappan voltou-se, então, para o leito, e sua arma caída sobre o lençol velho e furado. Alcançou-a, volvendo-se para Arsenault, atirando sem sequer mirar.

A bala passou a centímetros do ombro direito do xerife, cravando-se na parede do quarto. Ao ouvir o disparo de Tappan e a bala passar bem perto de seu corpo, Arsenault recuperou-se em segundos. Tinha que defender-se, tinha que preparar-se para o segundo tiro que Tappan, obviamente, daria em seguida.

Só que não houve o segundo tiro. No lugar do estrondo de um disparo, o que Arsenault ouviu foi o galope de um cavalo, sumindo na noite. Maldição! vociferou, rilhando os dentes de raiva e pondo-se de pé. O miserável covarde estava fugindo. Aproveitara-se que ele ficara aturdido

com o soco e o tiro para deixar rapidamente o quarto e alcançar sua montaria, pondo-se em fuga.

Ao mesmo tempo que pensava isso, dirigiu o olhar ansioso para a cama do fugitivo. A arma dele ainda se achava ali, o que significava que Tappan sequer se preocupara com ela. Talvez em desespero, sua única preocupação fora escapar o mais rápido possível.

Suportando a dor no abdome, Arsenault deixou o quarto, percorrendo às pressas o pátio interno da taberna. Bem antes de alcançar a rua principal da cidade, já ouvia o alarido dos moradores locais atraídos pelos tiros no quarto de Tappan. Na rua, viu que muitos moradores caminhavam rapidamente em sua direção, alguns armados. Não hesitou em enfrentá-los, empurrando a aba do casaco para o lado e exibindo-lhes a estrela no peito.

— Sheriff? — indagou um deles. — Usted es sheriff?

— Si, amigo — ignorou-o, correndo os olhos em volta, pela multidão que começava a reunir-se a seu redor.

Viu, afinal, Pablo Rodriguez, que vinha apressado pela rua, trazendo seu cavalo pelas rédeas.

— Gracias, amigo — disse-lhe, pulando para a sela e virando o animal para a esquerda. Se não se enganava, o galope que ouvira rumava para aquele lado, para o oeste. — Explique a seus amigos o que está se passando.

E incitou a montaria rumo ao oeste. Não podia perder tempo. Já o perdera demais. Tappan já estava muito longe, cavalgando na escuridão da noite talvez sem destino certo, mas com a inabalável determinação de fugir.

Tinha que alcançá-lo, de qualquer jeito.

* * *

A bala passou assobiando muito perto de seu braço direito, perdendo-se na noite. De imediato, Arsenault sofreou a montaria e desmontou antes mesmo que o animal estacasse de todo. Bateu-lhe nas ancas, obrigando-o a correr sozinho pela estrada, e foi jogar-se sobre umas moitas à margem do caminho.

Deitado de bruços na terra dura e fria a Winchester quase colada ao rosto, procurou vasculhar a área que circundava a posição. Para tal, contava com a ajuda do luar, que cobria tudo com uma claridade suave e enganadora. Mas não se deixaria enganar facilmente. Sabia muito bem que

Tappan se encontrava em algum ponto a sua frente, pois a trajetória da bala que quase destroçara-lhe o braço há pouco não deixava margem para qualquer tipo de dúvida. Se bem que Tappan, astucioso e covarde, poderia ter modificado sua posição no intuito de confundir e surpreendê-lo.

Pois muito bem — pensou Arsenault consigo mesmo. Ele faria exatamente a mesma coisa. De forma alguma permaneceria no mesmo local onde abandonara seu cavalo. Avançaria para a direita, ao longo da estrada, os olhos sempre acentos varrendo a noite em busca de qualquer sinal da presença do desertor.

Acocorou-se, enrijecendo os músculos do rosto numa máscara de agonia. De novo, o maldito ferimento incomodava-o, como se pretendesse enfraquecê-lo, desnorteá-lo, e colocá-lo em desvantagem diante do adversário. Lutou contra a dor, pois aquela não era hora para preocupar-se com coisa alguma além de Tappan. Aquele momento, no meio da noite, ilhados de tudo e todos, pertencia somente a ele e a Tappan, concentrados num combate cujo resultado, obviamente, teria que ser a morte de um dos dois.

Deteve-se a alguns metros além do lugar em que desmontara, estendendo-se outra vez no solo e passeando o olhar em volta. Bolas! Não parecia haver nem sombra de Tappan nas imediações. Mas ele tinha que estar por perto. Evidente que errara o primeiro tiro, mas não retomara a fuga, disso Arsenault tinha certeza pois nenhum galopar se ouvira no silêncio. E Tappan não seria tão estúpido a ponto de fugir a pé.

Ele se escondera em algum lugar, quieto, silencioso, à espera da ocasião apropriada de voltar a atacar. E continuaria assim até que Arsenault cometesse um erro. Aguardaria o tempo que fosse necessário até que pudesse localizar o inimigo com exatidão. Aí, então; o eliminaria sumariamente. Era esse o seu plano, a sua estratégia. O primeiro ataque teria que partir de Arsenault, o que denunciaria sua posição. Tappan, então, revidaria o ataque com grandes possibilidades de sucesso.

Arsenault esboçou um sorriso irônico. Se o problema era esse, ele não tinha outra escolha senão proceder da maneira como o desertor desejava que ele procedesse. Provocaria Tappan, instigando-o a lutar, a mostrar-se. Arriscava-se, é lógico, mas não lhe restava outra opção. Tinha de forçar Tappan a manifestar-se. Era somente isso que realmente importava.

Ainda deitado de bruços na terra, firmou os cotovelos no chão e apontou a Winchester para o outro lado da estrada, mais ou menos para o ponto onde calculava estar o desertor. Disparou, a bala silvando na noite sem destino ou endereço certo. No instante seguinte, Arsenault girava sobre si mesmo, para a direita, distanciando-se o mais possível do lugar onde se postara para atirar.

Numa reação quase automática, o silêncio da noite foi fendido por um tiro, o clarão da detonação surgindo como um relâmpago súbito e alaranjado que magoou a escuridão reinante. Exibira-se a uns cinquenta metros de distância, na outra margem da estrada, num ponto exatamente a frente dos olhos de Arsenault. Ao mesmo tempo, o xerife ouviu com clareza a bala chocar-se com a terra sobre a qual, momentos antes, ele estivera deitado.

Tappan respondera ao fogo com rapidez e precisão. Só que Arsenault não pretendia imitá-lo. Não, por enquanto, pois seu objetivo fora alcançado com o disparo efetuado pelo desertor. Agora, tinha uma idéia mais ou meros precisa de onde Tappan se ocultava. Possuidor de tal informação. ergueu-se com ligeireza e adiantou-se para a estrada, atravessando-a.

Alcançando a margem oposta, agachou-se por segundos apenas e voltou a avançar. Seguia em linha reta para a posição de Tappan, mas, de um instante para o outro, mudou sua direção, virando para a direita, embrenhando-se por uma vegetação que não chegava a ter sua altura normal. Ocultou-se ali, e apurou os ouvidos, forçando sua audição a varar a escuridão ao redor. Não pôde captar som algum, ao menos nenhum dos que de fato lhe interessavam: um respirar mais forte, um arrastar de solas de couro na terra árida, uma imprecação solitária e íntima... Nada...

Sentiu, então, a presença dele às suas costas. Clara, distinta, ameaçadora. Tappan estava à sua retaguarda. Disso tinha absoluta certeza. De alguma forma, ele pressentia suas intenções e, ao invés de fugir ou procurar um novo esconderijo, avançara em sua direção, ocultando-se e esperando como uma fera traiçoeira.

— Vai matar-me também, Tappan? — inquiriu Arsenault, com lentidão. — Assim como fez com meu filho?

Tappan gargalhou com vontade às suas costas. Sua risada assemelhava-se ao uivo de uma hiena no âmago da noite.

— Percebeu que eu estava aqui, hem xerife? — inquiriu ele, zombeteiro.

— Sim, Tappan. E não perca mais tempo. Mate-me como matou meu filho. Covardemente.

— Para que apressar as coisas, xerife?

Uma onda de sinistro júbilo invadiu o espírito de Arsenault. Talvez Tappan cometesse um erro. E justamente o erro que ele desejaria muito que cometesse. Tappan poderia repetir o que fizera com Kenneth, arruinando-lhe o ombro e abandonando-o, sem ajuda ou-chance de sobrevivência. Oh, Deus, todo-poderoso! Que ele fizesse isso! Porque estaria assinando a própria sentença de morte.

Mesmo ferido, como Kenneth o fora uma semana antes, não morreria. O ódio e a inexaurível sede de vingança o manteriam vivo por horas, dias, semanas a fio até que ele pudesse, mesmo se arrastando como uma víbora, no limiar de todas as suas reservas de energia, alcançar algum tipo de auxílio. Sobreviveria quando homens muito mais fortes e jovens — como Kenneth —, sucumbiriam em pouco tempo.

E retomaria o caminho em busca de Tappan. Sim! Percorreria meio mundo, o mundo inteiro, à procura de Tappan. E não falharia como acabara de falhar agora. Não permitiria que ele o enganasse. Aprenderia com os erros que cometera e mataria Harlon Tappan, em nome de tudo que é mais sagrado.

Agora, se ele o liquidasse ali, naquele instante. estaria tudo acabado. Seria o ponto final. Não haveria uma segunda chance, uma desforra.

Não queria morrer. Não porque tivesse medo da morte. Não queria, pois isso significaria deixar Tappan vivo, e Tappan tinha que morrer, em suas mãos, sob o fogo cruel de suas balas.

— Quer dizer, então — as palavras de Tappan cortaram-lhe os pensamentos —, que você é pai daquele xerife idiota de Camp Brown?

— Sim — Arsenault continuava de costas para o outro. —Eu mesmo, John Elgin Arsenault.

— E está me procurando desde o Texas só para vingar-se?

— Eu jamais recusaria um momento tão sublime e belo. Kenneth poderia descansar em paz...

— Que ele vá para o inferno, xerife! Ele e você! Dois estúpidos, com essa maldita estrela de lata no peito! — Tappan avançou a espingarda

apontada para as costas do outro homem.

— E se quer uma lembrança do seu filho...

Deixou a frase em suspenso, e Arsenault viu o brilho metálico de alguma coisa cruzar a noite sobre seu ombro e cair a seus pés. Sob a fantasmagórica luz da lua, pôde ver o que era.

Abaixou-se, com lágrimas de dor e ódio inundando-lhe os olhos: a estrela de Kenneth... A estrela que Kenneth tinha tanta honra em usar e que Anne teria verdadeiro orgulho de ver-lhe na lapela.

Virou-a na palma da mão, sentindo o contato frio, a ponta partida, que Tappan quebrara em Madre de la Sierra, arranhando-lhe a palma da mão...

— Fique com ela, xerife — zombou Tappan.

— Uma recordação do seu querido Kenneth. Entregue a ele quando se encontrarem no inferno ...

As palavras de escárnio de Tappan morreram-lhe nos lábios, pois Arsenault, cego pelo ódio, embriagado pela dor, crispara a mão esquerda em torno da estrela de Kenneth e virara-se para trás, tão agilmente como se o próprio anjo da morte e da vingança lhe tivesse dado tamanha rapidez. A Winchester trovejou fogo e morte, a velocíssima bala-44 buscando o peito do desertor. Atingiu-o no centro do tronco, empurrando-o para trás com brutalidade.

— Maldito... — gemeu Tappan, caído na terra, um sopro de vida ainda mantendo seu corpo em movimento.

Arsenault adiantou-se até ele e fitou o. Por um momento, pensou em deixá-lo ali, ferido, sangrando, para que ele morresse vagarosamente. Mas não. Nunca faria isso. E não seria por piedade. Simplesmente porque não daria a Tappan a mesma chance que tanto desejara há pouco. Não! Tappan não teria chance alguma, oportunidade alguma. Kenneth queria a sua morte, agora, sem perda de tempo.

Arsenault não poderia recusar ao próprio filho um pedido tão banal...

Engatilhou a Winchester e apontou-a para o coração de Tappan. Antes de apertar o gatilho, viu-lhe os olhos. Seu ódio regozijou-se de prazer ao encontrar naquele olhar tanto medo, tanto pavor.

— Estamos no México, Tappan — sua alegria era tamanha que ele pôde encontrar motivos para troçar. — Assim sendo... Adiós...

E premiu o gatilho da espingarda, ecoando o disparo na escuridão da noite como um brado de homenagem a Kenneth e a Anne.

Só então Arsenault abriu a mão esquerda. Não se espantou ao ver sangue nos dedos: apertara com tanto ódio a estrela de Kenneth que a ponta quebrada dela cravara-se em sua carne...

* * *

Jesse Bulloch deixou seu escritório em Fort Hammer e deteve-se no comprido varandão do prédio da oficialidade. Preparava-se para acender seu cachimbo quando a voz da sentinela do posto um, no portão, ressoou no ar quente da manhã:

— Abram os portões!

A ordem foi obedecida por dois soldados, na entrada da fortificação militar. Correram com habilidade a enorme tranca dos portões, abrindo-os. Jesse Bulloch observou tudo, baforando agradavelmente o cachimbo. Seus olhos, contraíram-se revestindo-se seu rosto de uma expressão de espanto. Se sua memória não lhe pregava peças, o homem que adentrava agora o forte, montado em um cavalo escuro e puxando um outro, sobre o qual havia um homem atravessado e amarrado na sela, era o xerife de St. Vincent. Sim! Arsenault era o nome dele.

Curioso e surpreso, desceu os degraus da varanda e encaminhou-se a passos largos na direção de Arsenault. Ao mesmo tempo, ouvia alguém gritar com genuíno assombro:

— É Tappan. É o cabo Harlon Tappan!

Pelo demônio! murmurou Bulloch consigo, acercando-se de Arsenault. Ele conseguira. Arsenault conseguira pegar Tappan!

Lançou um olhar rápido ao xerife de St. Vincent e rumou ao outro cavalo que ele conduzia. Os vários militares que haviam rodeado o animal e examinavam o homem amarrado à sela afastaram-se ao vê-lo. Bulloch, então, agarrou os cabelos de Tappan e levantou-lhe o rosto. Espantou-se vivamente, correndo os olhos inquisitivos para Arsenault.

— O senhor conseguiu, não? — inquiriu, lentamente.

Arsenault desmontou e aproximou-se. Sem dizer palavra, passou às mãos do comandante de Fort-Hammer as rédeas do cavalo que servira a Tappan como transporte fúnebre desde o México até ali.

Bulloch aceitou as rédeas e inquiriu:

— Onde o encontrou?

— Madre de la Sierra, coronel — dessa vez, Arsenault resolveu responder.

— E, pelo que posso ver, o senhor cumpriu o que me disse na última vez que esteve aqui.

Arsenault encarou-o, um brilho enérgico surgindo-lhe no olhar.

— Sim, coronel — declarou, com firmeza. — Infelizmente, o senhor não poderá levá-lo à corte marcial. — Fez uma pausa e inquiriu, esquecendo-se completamente do assunto anterior: — Eu poderia abusar de sua hospitalidade, senhor? Gostaria de comer alguma coisa.

Bulloch moveu a cabeça em assentimento, passando as rédeas do cavalo de Tappan a um soldado.

— Não será abuso algum, xerife — disse. — Se quiser tomar um banho, fazer a barba...

— Agradeço-lhe muito, mas quero apenas um pouco de comida. Preciso partir imediatamente.

— Se prefere assim. Quanto a Tappan, há uma recompensa que o exército oferece...

Bulloch calou-se, observando o olhar que o outro homem lançou-lhe. Era um olhar de espanto, de surpresa.

— Esqueça a recompensa, coronel. Já tenho tudo que queria.

E começou a caminhar lentamente na direção do rancho, puxando sua montaria pelas rédeas.

Recompensa! sussurrou consigo. Jamais poderia aceitar qualquer tipo de recompensa pelo que tinha feito. A única que merecia já lhe fora dada. A gratidão de Kenneth ao ver que ele cumprira o juramento que fizera.

Saber que Kenneth Arsenault podia agora descansar em paz, era a sua recompensa.

EPÍLOGO

Entre amantes

— Joan...

Ela estacou de imediato, imaginando que tudo aquilo fosse uma brincadeira de sua imaginação. Vagarosamente, prendeu de encontro ao peito o ramo de flores, que estivera colhendo para enfeitar a sepultura de Chuck Storrs, e virou-se para trás. Um sorriso surgiu-lhe nos lábios bem feitos quando o avistou, junto às árvores, o cavalo a seu lado.

Ele cumprira a promessa. Ele voltara. Estava ali, esperando por ela.

Lágrimas de felicidade correram pelas faces aveludadas de Joan quando ela começou a andar na direção dele. Per Deus! Não podia acreditar que fosse ele. Naqueles últimos dias, desde que ele partira rumo ao México para caçar o homem que jurara matar, ela vivera em completo sobressalto, na angustiante dúvida se ele estava vivo ou morto. Pouco dormira, pouco comera. A maior parte do tempo, ficara junto à sepultura de seu avô, uma prece quase desesperada nos lábios e no coração.

Mas, agora, a tortura terminara. O xerife regressara, para ela, somente para ela.

— Joan... — murmurou ele, quando ela parou a sua frente. — Eu... eu a amo...

E tomou-a em seus braços, apertando-a com firmeza de encontro à roupa suada e empoeirada, após a longa viagem desde o México trazendo o corpo de Tappan para ser entregue ao exército. Buscou com avidez os lábios e possuiu-os num beijo longo, sedento, que revelava o quanto sentira a falta dela nos últimos dias.

— Joan... — voltou a murmurar. — Eu... eu consegui...

Ela fitou-o, surpresa, os olhos muito verdes enchendo-se de curiosidade.

— Vo... você o encontrou? — gaguejou ela.

— Sim — ele sorriu, o peito aliviado por saber que sua missão fora cumprida. — Cumpri o juramento que fiz a meu filho... Harlon Tappan está

morto...

— Tive medo que...

Ele não a deixou concluir a frase; abraçando-a com força e beijando-lhe os cabelos.

— Eu sei, Joan, eu sei — disse, carinhoso. — Mas acabou tudo. Agora, somos apenas eu e você e ninguém mais...

E tornou a beijá-la, ansiosamente, loucamente. Joan abandonou-se ao beijo, seu corpo enchendo-se de desejo.

Quando, enfim, ele libertou-lhe a boca, sorriu-lhe ternamente e colocou-a nos braços. Deixando o cavalo para trás, levou-a para a cabana, Joan rodeando-lhe os ombros com os braços.

— Primeiro, vou tomar um longo banho — avisou ele, já no interior da cabana, depositando a jovem com delicadeza no chão. — Vou precisar de muita água e sabão para tirar toda essa poeira.

— Eu o ajudarei — respondeu ela, afastando-se e começando a despir-se. — Tomaremos banho no rio...

Ele a viu nua, bela e tentadoramente. Sem conseguir tirar os olhos de cima dela, livrou-se do casaco. Joan notou que a estrela que ele usava na lapela do colete tinha uma das pontas quebradas.

— Era a estrela de Kenneth — explicou ele, um acento de mágoa na voz. — Estava com Tappan...

Inteiramente nua, Joan aconchegou-se a ele e beijou com delicadeza a estrela de ponta partida.

— Será esta que usarei daqui para frente — acrescentou ele. — E procurarei honrá-la como Kenneth o fez até o dia de sua morte.

Beijaram-se e Arsenault desnudou-se em poucos momentos. Livres das roupas, deram-se as mãos e correram para o exterior da cabana, até o rio que corria mansamente em frente a ela.

Tinham certeza que sua intimidade estaria protegida. A mesma intimidade que usufruiriam na correnteza suave do rio.

Mergulharam, felizes, apaixonados, e Joan, ao colar o corpo nu e molhado ao dele, lembrou-se que ainda não conhecia o seu nome. Mas e daí? disse consigo mesma antes de entregar-se ao amor.

Havia muito tempo para perguntar-lhe o nome.

Todo o tempo do mundo.

FIM

A seguir: PISTOLEIROS NA NOITE
Não perca!

Caro Leitor:

No mês de maio, lançaremos uma nova série de novelas inéditas escritas especialmente para você. Esta coleção, que levará como título **ROLETA DA VIDA**, é um retrato fiel do dia-a-dia de cada um de nós.

Nela, vamos encontrar, quem sabe..., um pouco de nossas inquietudes e desesperos na luta qué todos travamos de forma permanente para encontrar um lugar ao Sol! Vamos conhecer como o **Jogo da Vida** brinca com nossos destinos como folhas ao vento, colocando-nos às vezes em situações inacreditáveis, onde se misturam amor, ódio, intriga e perversidade.

São histórias comoventes, cheias de dramaticidade, e reais como a própria vida.

ROLETA DA VIDA é um brinde à sua sensibilidade e inteligência. Adquira! Você vai gostar!

O Editor

EDITORA MONTERREY

PREÇO DESTE EXEMPLAR: Cz$ 5,10